

A educação pelo *quarto poder*: Um olhar sobre a coluna do jornalista Luiz Martins de Azeredo (Nova Iguaçu - 1945-1948)

Resumo

O presente trabalho tem por desígnio dar um panorama da cidade de Nova Iguaçu entre as décadas de 1920 e 1940. Na primeira parte pondero acerca das transformações socioespaciais que se deram pelas laranjas no município. No segundo momento será feita uma análise da história do *Correio da Lavoura* através da trajetória de seu fundador Silvino de Azeredo e de seu filho Luiz Martins de Azeredo. Primeiro apresento como os objetivos do jornal - lavoura, instrução e higiene - nortearam as páginas do semanário e da história de vida de seu criador. Silvino de Azeredo aliado a um projeto ruralista buscou valorizar a relação homem-campo e com isso, promover o ensino agrícola em Nova Iguaçu. Na segunda etapa do trabalho, mostro como Luiz Martins de Azeredo, representante do *quarto poder*, discutiu o papel da educação iguaçuana entre anos de 1945 e 1948 em sua coluna intitulada *Luiz Martins escreveu...* Por meio dela o jornalista prosseguiu com o incentivo a instrução iniciado pelo pai e agregou a educação elementos como a cultura e acesso a literatura.

Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre

A educação pelo *Quarto Poder*: Um olhar sobre a coluna do jornalista Luiz Martins de Azeredo (1945-1948)

Monografia apresentada ao curso de História como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História, do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Orientador:

Álvaro Pereira do Nascimento

Nova Iguaçu

2013

Banca Examinadora

Prof^o Dr. Álvaro Pereira do Nascimento (Orientador)

Instituto Multidisciplinar - DHE – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof^a Dr^a Amália Dias

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - FEBF - Departamento Ciências e Fundamentos da Educação – Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Prof^a Dr^a. Surama Conde Sá Pinto

Instituto Multidisciplinar - DHE – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Agradecimentos

Farei o máximo de esforço para recordar de todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indireta para que fosse possível completar mais esta etapa. Porém, não posso negar que o esquecimento poderá me visitar. Inicialmente gostaria de agradecer a Deus, pois sem ele jamais poderia cumprir toda esta longa trajetória. Através dele consegui restabelecer muito de minhas forças e fé. O caminho que em grande parte se mostrou tortuoso, acabou se tornando menos árduo com Ele. Com Deus pude acreditar que poderia seguir em frente. Afinal, como diria Émile Durkheim o homem que crê pode mais.

Aos meus pais, quero deixar meu muito obrigado. Ao meu querido velho Severino João Alexandre deixo toda minha gratidão e admiração. Um de tantos nordestinos que migraram rumo ao Sudeste e Centro-Oeste e que com todo seu trabalho deixaram sua marca na construção de boa parte do que chamamos de Brasil. Deixo meu agradecimento a ele por todos seus ensinamentos de vida, mesmo diante de sua simplicidade e poucos anos de escolaridade. A minha querida mãe Irene Bezerra da Silva Alexandre que desde muito cedo representou um referencial de mulher e fortaleza. A ela toda minha devoção e carinho, pois foi ela quem me apresentou o caminho das letras e o respeito a um profissional chamado professor. Enfim, sem vocês eu nada seria.

A toda minha família, que mesmo na distância se fizeram tão presentes. O que seria de mim sem este sangue nordestino correndo nas veias? Aos meus tios, tias, primos, primas, madrinhas e padrinhos, todo meu sincero reconhecimento. Sem vocês eu não teria chegado até aqui. Todo meu amor e reverência a cultura do povo nordestino devo a vocês, pois nas minhas primeiras passadas me ensinaram a ter fé no azul que esta no frevo. No entanto, preciso deixar um agradecimento enfático a Maria Bezerra da Silva, ou simplesmente vó Dô. A senhora, agradeço todo seu cuidado nos primeiros anos de minha existência, ao exemplo de perseverança e juventude mesmo aos 83 anos muito bem vividos, obrigado.

Aos “amigos-família” que ganhei ao longo deste percurso. O que seria de mim sem as risadas mais felizes de Edileusa Alves e os passos de dança de Letícia Costa? A família Alves meu muito obrigado por todos os momentos de alegria que passamos juntos. Outra família que me foi dada é a Andrade. Sem vocês muito dos meus domingos não teriam a menor graça. A Janete, Romildo, Rafaela e Maria Synnara, meu agradecimento pelo companheirismo nos

momentos difíceis e especialmente alegres. Aos colegas dos tempos de Abeu-Colégios que permaneceram até os dias de Universidade, meu voto de agradecimento. E por falar em Universidade, deixo um muito obrigado pela oportunidade de saber e fazer parte da História da UFRRJ/IM que tanto me permitiu crescer academicamente. Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), que por dois anos e meio me concedeu bolsa de iniciação científica e contribuiu para a minha formação.

Ao Correio da Lavoura agradeço a oportunidade de ter contato com uma fonte riquíssima como esta. Seu Robson Belém Azeredo obrigado por nos receber em seu “trabalho-lar” e dar a chance de prolongar o jornal e a memória dos Azeredo por muitos anos mais. Obrigado ao querido José Rocha (*in memoriam*), o Reco, que com seus vinhos tornou nossas tardes muito mais produtivas e alegres. Agradecimentos pelo companheirismo de Rainie Vieira e Rodrigo Sampaio nas tardes de calor, poeira e digitalização. A Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, que através de seu fomento nos permitiu digitalizar os mais de cem anos do semanário Correio da Lavoura. A FAPERJ (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), que concedeu bolsas pelo programa Jovens Talentos para alunas da rede estadual de ensino, a fim de que nos auxiliassem nas pesquisas do Correio da Lavoura. Isadora, Estefani, Mainara e de modo especial Nathalia, obrigada por suas tardes de trabalho.

Ao meu querido grupo de História da Baixada Fluminense, minha gratidão por todo ensinamento. Ao professor Álvaro Pereira do Nascimento, não tenho palavras para agradecer por todo auxílio, paciência nas correções e momentos em que pensei que não conseguiria. Obrigado por confiar em mim e no meu trabalho. Agradeço a Gabriel Nascimento que compartilhou sua experiência mesmo no pouco tempo em que convivemos juntos no grupo. Aos meus amigos que se tornaram irmãos: Allofs e Adriano. Meu sincero obrigado por todos os ensinamentos, risadas, angústias e parcerias. A Deborah e Patrícia meu obrigado, pois minhas tardes nesta sala de pesquisa não seriam as mesmas sem aquele café e a conversa de vocês. Aos meus queridos idosos (as) que compartilharam um pouco da trajetória de suas vidas e deixaram registrado igualmente parte da história de nossa Baixada. Muito obrigado.

De modo particular agradeço ao professor Alexandre Fortes a chance de trabalhar no processo de digitalização do Centro de Memória de Nova Iguaçu. Neste projeto “Fontes para a História dos Movimentos Sociais da Baixada” pude ter contanto com outra rica parte da

história de nosso município e ganhar proximidade com outros colegas de pesquisa: Amanda Scott, Carolina Bittencourt, Diego das Neves e Ricardo Souza. Obrigado a todos vocês.

Agradecimentos a todos os mestres do curso de História da UFRRJ e demais instituições. De modo especial agradeço aos professores (as): Surama Conde, Lucia Helena, Amália Dias, Raquel Alvitos, Mônica Martins, Jean Sales, Roberto Guedes, Marcello Basile, Marcelo Berriel, Carlos Eduardo Coutinho, Italo Santirocchi e Nielson Bezerra. Aos funcionários (as) do nosso Departamento de História e Economia (DHE), que sempre se mostraram tão prestativos quando precisei.

A todos (as) colegas da turma 2008/02, meu agradecimento pela convivência ao longo destes quatro anos e meio de graduação, e aos amigos que tive mais proximidade já no final do curso, mas que teremos muito mais no mestrado. De modo especial deixo meu obrigado a Claudielle Pavão, pelas conversas e compartilhamento da tensão pré-mestrado. Deixo meu agradecimento a Vinicius Fernandes e Juliana Drummond pelas discussões dos textos e das expectativas. A Ariane Carvalho que tanto me deu força e auxílio com textos e palavras nesta reta final, obrigado. A Tatiana Castro que sem pestanejar fez empréstimos de livros e os paguei com bombons, obrigado.

Aos colegas que ganhei no curto espaço de tempo de estágio no Colégio Estadual Arêa Leão, meu muito obrigado. A professora Denaina que me mostrou todo o respeito e amor a sala de aula, obrigado. Aos meninos e meninas das turmas de segundo e terceiro ano do ensino médio que dividiram um pouco de suas vidas e sonhos, obrigado. Aos vizinhos do Residencial Palmeiras Bruna e Lucas obrigado pela companhia, lanches e alegria de sempre.

Por fim, mas sem significar menor importância, justamente o oposto, agradeço a Wesley Rodrigo que ao longo de toda esta jornada se fez tão essencial em todos os momentos de dificuldades e alegrias. A você querido, meu muito obrigado pela compreensão e companheirismo em meio a tantos livros, projetos e banners feitos lá pela tantas da madrugada. Infelizmente nesta reta final não pudeste se fazer presente fisicamente, mas mesmo na distância assumiu o compromisso de torcer e dizer o quão o orgulhoso estava das minhas conquistas. Dedico muito deste trabalho e esforço a ti. Obrigado.

Sumário

Introdução.....	9
Capítulo 1: Uma cidade chamada “perfume”: Nova Iguaçu e suas transformações socioeconômicas a partir da citricultura (1920 - 1940).....	11
1.1 As disposições do trabalho da laranja	17
1.2 O declínio da Citricultura a partir da Segunda Guerra Mundial.....	22
1.3 Das chácaras aos loteamentos.....	26
Capítulo 2: A educação pelo <i>quarto poder</i> : Um olhar sobre a coluna do jornalista Luiz Martins de Azeredo (Nova Iguaçu – 1945 1948).....	32
2.1 Luiz Martins escreveu.....	41
Conclusão	63
Referencias Bibliográficas.....	64

Introdução

O processo de ascendência e declínio do setor agroexportador iguaçuano foi noticiado pelas páginas do jornal *Correio da Lavoura*. Tal periódico foi criado em 1917 e existe até os dias atuais, comandando por membros da família Azeredo, passando a condução do mesmo de pai para filho.

Tais intelectuais viveram esse momento de auge econômico, acreditaram no desenvolvimento regional, traçaram projetos políticos, aliaram-se a ilustres poderosos da região e frustraram-se muitas vezes. Essa monografia busca perceber as propostas de um desses indivíduos: Luiz Azeredo. Entendemos que o autor desejava promover o desenvolvimento de Nova Iguaçu através da educação e da cultura, sem perder de vista aspectos como a tradição e os valores.

Nossa fonte principal é o jornal *Correio da Lavoura*, entre os anos 1945 e 1948. Entendemos que como intelectual e formador de opinião, ele viva numa sociabilidade e desejava um futuro de progresso intelectual para Nova Iguaçu. Perceber seu discurso é o que Koselleck descreve como projetar para futuro conceitos criados em um determinado presente. Ou seja, Luiz Azeredo pensou a melhoria da educação como parte indispensável para o desenvolvimento de um futuro próspero na cidade de Nova Iguaçu.

A fim de percebermos melhor suas ideias, dividimos essa monografia em dois capítulos. No primeiro, descrevo a história da citricultura na cidade, desde sua ascensão até sua decadência. Mostro como se deu a formação econômica do município, as relações de trabalho e o seu processo urbanizador.

Divido o segundo capítulo em duas partes. Primeiramente, traço um perfil do jornal e da vida de seu fundador Silvino de Azeredo. Apresento a relevância da família no processo de constituição do periódico e de como o fator educacional foi importante na trajetória dos Azeredo. Destaco a difusão de temas como a lavoura, higiene e instrução no semanário. Discorro sobre o projeto ruralista incentivado pelo capitão Silvino nas páginas da folha e de

como o discurso estava atrelado a um projeto estadual e municipal de estímulo ao homem e o campo.

Dou ênfase essencialmente neste primeiro momento a fundação do *Correio da Lavoura* e a sua defesa pelo ensino agrícola. No segundo momento, dou prosseguimento na análise do discurso pró- educação do jornal, porém sob o olhar da segunda geração do jornal, mas precisamente pela ótica de Luiz Martins de Azeredo, filho de Silvino Azeredo. Analiso sua coluna intitulada “Luiz Martins escreveu...”, entre os anos de 1945-1948. Apresenta a condição pós-citricultura da cidade e os problemas cotidianos.

O jornalista, todavia deu ênfase em 19 edições de sua coluna, acerca da instrução. Ele prosseguiu com o projeto de valorização do ensino agrícola, porém cobrou incisivamente melhorias na infraestrutura e condições de exercício do magistério. Aliado a isto agregou ao aspecto educacional elementos como a literatura e o teatro. Incentivou especialmente a criação de espaços associativos que intervissem junto a educação e por sua vez melhorassem o acesso a cultura em Nova Iguaçu, visto o caso da *Árcadia Iguaçuana de Letras (AIL)*.

Uma cidade chamada “perfume”: Nova Iguaçu e suas transformações socioeconômicas a partir da citricultura (1920-1940)

Neste primeiro capítulo traço um panorama da cidade de Nova Iguaçu a partir de dois momentos. O primeiro recorte se dá entre as décadas de 1920 e 1930. Nesse período apresento a cidade “perfume” no auge de sua produção citricultora. Discurso acerca das transformações socioespaciais ocorridas e os arranjos de trabalho que se deram pelo cultivo da laranja no município. No segundo momento discorro sobre a decadência da produção em 1940, mas especificamente no pós-segunda guerra mundial, e assinalo as diversas consequências geradas na cidade. Dentre elas destaco o processo de loteamento das antigas chácaras produtoras e a urbanização da cidade.

O declínio do cultivo de café no estado do Rio de Janeiro, ao final do século XIX e início do século XX, fez com que o governo estimulasse outras culturas em substituição daquela que ao longo de muitos anos sustentou os pilares da economia fluminense. Deste modo, no início da República a citricultura surgia em escala comercial como uma atividade próspera dentro das expectativas de alguns setores políticos do Rio de Janeiro, e de revitalização da agricultura na Baixada Fluminense.¹

Segundo Waldick Pereira, a laranja era um produto plantando há muitos anos no Rio de Janeiro. Ela era produzida em propriedades de pequeno porte ou no tipo “chácaras”, e vendidas para consumo interno já na segunda parte do século XIX. Nesse momento, São Gonçalo, ainda ligado ao município de Niterói, se destacou por vender a produção para municípios vizinhos. Porém, foi ao final do século XIX que o cultivo da laranja teve força

¹ Para o conceito de Baixada Fluminense utilizo a definição de Alexandre Marques dos Santos, que compõe a expressão como polissêmica e, que de uma forma geral, confunde-se a região com os conceitos elaborados. Segundo o autor, dependendo da escala de observação, da atuação ou interesses de pesquisadores, instituições ou grupos políticos, ela assume configurações geográficas, econômicas, políticas e culturais diferenciadas. Portanto, encontramos dificuldades em conceituá-la e, ainda mais, em delimitá-la geograficamente. Para ver mais: MARQUES, Alexandre dos Santos. Baixada Fluminense. Baixada Fluminense: da conceituação às problemáticas sociais contemporâneas. Revista pilares da história – Duque de Caxias e Baixada Fluminense. Ano 4- número 6 abril /2006, p. 7-14.

para sua primeira exportação, em 1886, chegando primeiro a Argentina e, dois anos depois, ao estado de São Paulo.²

Na virada do século, a produção de laranja se estendeu pelo Rio de Janeiro. Grande parte das localidades empregadas para o plantio foi a mesma utilizada primeiro pela cana-de-açúcar depois pela cafeicultura³ e, em seguida, pelas plantações de subsistência como o feijão, mandioca, milho. No declínio, algumas fazendas foram abandonadas ou simplesmente loteadas. Esse era o cenário peculiar para o tipo de produção que a laranja exigia, ou seja, as pequenas propriedades. As áreas que despontavam economicamente naquele momento no Estado por meio da produção de laranjas foram o que entendemos hoje por São Gonçalo, Campo Grande, Bangu, Santa Cruz e Nova Iguaçu.

Para além do Rio de Janeiro, destacamos São Paulo que também investiu na produção, obtendo uma maior produtividade por pé de laranja em comparação aos municípios do Rio.⁴ É possível igualmente afirmarmos que além da pequena propriedade a laranja também encontrou na região do Iguaçu as condições climáticas e geográficas apropriadas para o seu cultivo. Outros fatores como a proximidade do mercado consumidor (Rio de Janeiro e São Paulo), a ligação com a Estrada de Ferro Central do Brasil (1858)⁵ e o auxílio do estado para produção e exportação, fizeram de Nova Iguaçu um espaço excepcional para o plantio desta cultura agrícola.

Diante disto podemos dizer que Nova Iguaçu era um local com os aspectos físicos, econômicos, apropriados para o desenvolvimento do cultivo da laranja. Em um primeiro momento as plantações se localizaram nas encostas da Serra de Madureira e morros. Posteriormente, no entanto, o cultivo se deu em regiões mais baixas e drenadas. Todo este processo foi fortalecido especialmente com a chegada da República, pois foram diversos os domínios que estimularam a produção de laranja no modelo de agro-exportação no Brasil. Essa ação política da Primeira República fica expressa quando Adrianno Rodrigues coloca

² PEREIRA, Waldick. *Cana, Café e Laranja: História econômica de Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: FGV/SEEC, 1977, p. 114.

³ Há pesquisadores que contestam que a região foi área de plantação de cana de açúcar e café, para exportação durante o período colonial e imperial. Apontam que a região da Baixada era mais um rota de transporte. Acredito que Nova Iguaçu agregou tanto a produção para exportação quando rota de transporte.

⁴ COSTA, Carlos Eduardo Coutinho da. *Campesinato negro no Pós-Abolição: migração, estabilização e os registros civis de nascimentos. Vale do Paraíba e Nova Iguaçu (1888-1940)*. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008, p. 78.

⁵ *Ibidem*, Pereira, 1977, p. 114.

que no ano de 1916, por ação do político Manuel Reis, o nome do município Maxambomba, passou a ser denominado Nova Iguaçu. Além disto, o autor expõe que, neste mesmo momento a localidade de São Mateus passa a ser chamada de Nilópolis, como uma forma de homenagear um dos grandes incentivadores da citricultura: Nilo Peçanha.

Carlos Eduardo Coutinho Costa completa dizendo que, Nilo Peçanha ao assumir o governo do Rio de Janeiro, entre os anos de 1903 e 1906, explorou ao máximo o alargamento dos programas que recuperassem a economia do estado e passou a contar com o auxílio de setores provenientes de outras regiões, especialmente do Vale do Paraíba. Ainda segundo Costa, Nilo Peçanha ao tomar posse da presidência da república, colocou planos de incentivo à economia fluminense.

Segundo Rodrigues:

“[...] Nilo Peçanha atuou com as companhias transatlânticas para que o preço do frete da laranja fosse reduzido e que seu transporte fosse realizado em melhores condições para a conservação do fruto. [Ele] atuou junto à Argentina no sentido de firmar um acordo de reciprocidade de isenção de direitos aduaneiros sobre o comércio de frutas entre os dois países.”⁶

Outra característica de seu governo foi o investimento em saneamento básico. Seus esforços se concentraram nos locais tipicamente pantanosos da Baixada, principalmente à beira dos rios Iguaçu, Sarapuí, Inhomirim e Pilar. Ainda que tivesse governado o país por apenas um ano e meio, incentivou de forma contundente, o crescimento econômico dessa região. O dessecamento dessas áreas e o fim de várias doenças provenientes desse tipo de terreno colaboraram na expansão da citricultura em Nova Iguaçu. As fazendas, antes utilizadas para a produção de café e de cana-de-açúcar, que haviam se tornado improdutivas, transformaram-se em laranjais.⁷ Com isto é possível afirmarmos que o plantio em escala comercial exigiu uma infraestrutura própria que ia desde a fabricação de caixas, o transporte

⁶ RODRIGUES, Adrianno Oliveira. *De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833 – 90's): Economia e Território em Processo*. Rio de Janeiro, UFRJ-IPPUR, Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional, 2006, p.40.

⁷ *Ibidem*, 2008, p.79

até o tratamento e acondicionamento, fazendo com se gerassem empregos especializados na região. Nova Iguaçu tornara-se então o novo “eldorado” e atraía gente de todo país.⁸

Segundo outros dados apresentados por Adriano Rodrigues entre os anos de 1920 e 1940 a população do estado do Rio de Janeiro cresceu em torno de 18%“, especialmente em regiões à margem da baía de Guanabara, Nova Iguaçu, Magé, São Gonçalo e Niterói. De todos estes municípios, Nova Iguaçu foi o que teve o maior aumento absoluto dentro do estado, saltando de 33.396 habitantes em 1920 para 140.606 habitantes em 1940, um aumento de 423% em duas décadas.⁹ Logo é importante ressaltarmos aqui o enorme crescimento populacional vivido neste período, mesmo sem qualquer planejamento. Rodrigues também explica que o crescimento ocorreu rumo ao norte, no caso a Baixada da Guanabara, mesmo o município do Rio de Janeiro ainda possuindo grandes espaços rurais a serem ocupados, como Jacarepaguá.

No que tange à extensão territorial, Carlos Eduardo Coutinho Costa aponta que, segundo o censo de 1920, Nova Iguaçu tinha o equivalente a 144.700 hectares dos quais 117.937, ou seja, 81,5% eram estabelecimentos rurais.¹⁰

Em 1920, as propriedades que possuíam menos de 41 hectares somavam 213, porém a maior parte das terras ainda estava sob o controle de uma pequena parcela de proprietários. [...] Ao analisar o tamanho das propriedades nota-se que, nesse período, a expansão da pequena propriedade ajudou no impulso inicial da produção de laranja. Proprietários antigos e novos investiram ou arrendaram suas terras para a produção de laranja.¹¹

A partir destes dados Costa ainda conclui através do censo de 1940 que neste período existiu um aumento significativo do número de propriedades de pequeno porte. Em 1940, no auge da laranja em Nova Iguaçu, do total de 1.529 propriedades, 704 estavam sob o controle dos proprietários, 302 sob os administradores e 523 sob arrendatários.¹² Diante disto é

⁸ Idem, 2008, p. 40.

⁹ Ibidem, 2008, p. 42.

¹⁰ Ibidem, 2008, p.80.

¹¹ Idem, 2008, p. 80.

¹² Idem, 2008, p. 80.

possível afirmarmos que este período da história de Nova Iguaçu foi marcado por uma grande comercialização de pequenas propriedades. Ainda sabemos pouco sobre esse processo de especulação imobiliária, mas pode se supor que isto se deveu sobre a valorização das propriedades com expansão econômica da produção citricultura. Desta maneira é possível afirmar que os fazendeiros mais ricos e donos de mais de uma propriedade passaram a dominar a produção da laranja na região.¹³

A citricultura, dominada pelas grandes empresas, conseguiu, entre as décadas de 1920 e 1940 valores significativos no que diz respeito a exportação. De acordo com dados analisados por Carlos Eduardo Costa, pelo porto do Rio de Janeiro, no período de 1927 a 1934, foram exportadas 10.674.135 caixas de laranjas que somavam um valor no total de 218.590.586\$800. Em 1928 o Estado de São Paulo contribuiu com a exportação de 205.379 caixas e o Distrito Federal com 432.738.¹⁴ Ainda segundo Costa a participação do Município de Nova Iguaçu na exportação de caixas de laranjas, após a década de 1930, teve uma maior evidência em relação às demais regiões. Do total de 1.236.453 caixas de laranja exportadas pelo estado do Rio de Janeiro em 1931, 687.900 foram provenientes de Nova Iguaçu. Ou seja, boa parte desta produção foi usada para consumo interno, mas igualmente exportada para outros países como Inglaterra, Argentina, Holanda, França, Bélgica, Alemanha, Suíça, Chile, Dacar, Noruega, Finlândia e Suécia.¹⁵ O desenvolvimento ocasionado pela citricultura fez que o governo investisse cada vez mais na melhoria e construção de estradas para o escoamento da produção e acesso dos moradores destas propriedades. Uma das exemplificações disto foi:

“[...] a criação da Rodovia que liga a cidade do Rio de Janeiro a Petrópolis, Washington Luís (BR – 135), a estrada Rio-São Paulo e a Avenida Automóvel Clube. Outra medida adotada foi a eletrificação da Estrada de Ferro Central do Brasil em 1938 até Nova Iguaçu atingindo Japeri em 1943 em conjunto com a adoção da tarifa única, que facilitou, sobremaneira, o acesso da população proletária a este meio de transporte e seu deslocamento em termo de moradia. Nesse contexto, a estrada de ferro continuava sendo de suma importância para a economia local, pois era através dela que os comerciantes recebiam sua mercadoria, a indústria importava

¹³ Idem, 2008, p. 81.

¹⁴ Ibidem, 2008, p. 82.

¹⁵ Ibidem, 2006, p. 45.

sua matéria-prima e enviava a produção e, finalmente, era através dos trilhos que a laranja era levada diretamente até o porto do Rio de Janeiro.”¹⁶

Diante disto é possível dizermos que em 1940 a citricultura havia chegado ao seu ponto máximo. Entretanto é necessário destacarmos que a relevância da laranja não ocorreu apenas no âmbito econômico, mas também pelo impacto social, político, cultural e especialmente fundiário que ela resultou. Neste último aspecto foram inseridos em todo espaço ocupado pelos laranjais, os *barracões* de laranja, ou seja, grandes galpões onde se processava o beneficiamento. Eles foram construídos principalmente nas proximidades das estações ferroviárias onde se ambientavam os pequenos núcleos urbanos da área produtora.¹⁷ Uma generosa parte dos benefícios destes *barracões* era direcionada para os seus proprietários.

Devido ao crescimento econômico da laranja nesta localidade, trabalhadores rurais e pequenos proprietários interessados se sentiram atraídos em investir na citricultura, exemplo disto era a presença de portugueses e italianos desenvolvendo a produção e a exportação em Nova Iguaçu. Porém, os maiores produtores foram a Companhia Fazendas Reunidas Normandia – proveniente da cidade do Rio de Janeiro -, e Antonio de Oliveira e Irmãos – de origem portuguesa. Ambos, através da compra e arrendamento, controlavam extensões de terra originárias de latifúndios do século XIX.¹⁸ Outro fator importante desta estruturação em torno do cultivo da laranja é a fundação do Sindicato Agrícola de Nova Iguaçu, em 1923, que buscava organizar e encaminhar os interesses destes citricultores e exportadores, mas que teve seu nome alterado para Associação dos Fruticultores de Nova Iguaçu, em 1924. Porém devemos apontar que uma parte dos investidores da citricultura era absenteísta, mesmo estando fixados em Nova Iguaçu, construindo um grupo de prestígio com: proprietários de terra e camadas médias locais.

Também se faz importante destacar aqui que cada vez mais os *barracões* ou as chamadas *packing houses* foram aperfeiçoadas por estas companhias. De 1931 a 1935, o número de *packing houses* em Nova Iguaçu passou de 13 para 24, isso se deu especialmente

¹⁶ Idem, 2006, p.45.

¹⁷ SOUZA, Sonali Maria de. Da laranja ao lote: transformações sociais em Nova Iguaçu. Rio de Janeiro, Museu Nacional, PPGAS. Dissertação de Mestrado, 1992, p. 53.

¹⁸ Idem, 1992, p. 54

pelo incentivo do Ministério da Agricultura no governo do presidente da república Washington Luís. Ainda segundo Sonali Maria de Souza nestas casas de embalagem desenvolviam-se as seguintes fases:

“ [...] seleção dos frutos pelo tamanho padronizado para comercialização, seleção pelo aspecto, lavagem, brunimento, embrulho em papel seda, encaixotamento. A caixa de laranja continha em média 250 frutos, e nela era imprimida a marca do proprietário do barracão e localidade de procedência. Eram empregados em cada beneficiamento cerca de cem trabalhadores, entre homens e mulheres, constituindo assim um mercado de trabalho importante [...] O transporte [final] era feito por caminhões das áreas de cultivo para os centros de beneficiamento e de lá para estação ferroviária, seguindo de trem para o Rio de Janeiro ” (Idem, p. 58)

Diante desse quadro podemos concluir que a citricultura foi a atividade que mais contribuiu para a transformação econômica e social na história do município, visto o número de empregos demandados ao longo de todo o processo produtivo, o volume da produção, a diversidade de mercados para distribuição, o investimento em infraestrutura por parte das esferas de governo e a lucratividade dos investidores.

As disposições do trabalho da laranja

É plausível afirmarmos que na cidade de Nova Iguaçu criou-se um cenário próprio, com personagens e características específicas no que diz respeito à organização social em torno de uma atividade econômica, como a laranja. Isto pode ser confirmado pelos inúmeros dados e bibliografia exposta até este ponto. Podemos dizer então que mesmo a produção de laranja se tratando de algo inovador, ela não se mostrou uma ruptura agrária, mas uma boa possibilidade de continuidade dele visto os quase cinquenta anos em que ela foi a principal atividade econômica do município.

Segundo Waldick Pereira o incentivo ao cultivo da laranja se deu por um conjunto de motivos sociais e econômicos, incentivados especialmente pelo que ele denomina de *tradicionalismo* de famílias de origem agrária. Todavia, devemos enfatizar aqui que à frente

desse processo econômico não estavam estas elites locais oriundas do século passado, mas foram encompassados pelo referido processo; ou melhor, não perderam seu estatuto político e aderiram às oportunidades de revitalização econômica ensejadas com a citricultura.¹⁹ Além disto, fica perceptível que o rendimento da laranja se deu para que não houvesse o processo de loteamento urbano na área ocupada pelos laranjais, o que não ocorreu como veremos mais adiante neste trabalho, em outros municípios emancipados de Nova Iguaçu como Duque de Caxias, Nilópolis e São João de Mereti, no decorrer da década de 1940.

Essa disposição feita para o cultivo da laranja também incitou o surgimento de um universo muito específico em termos de relações sociais, ou seja, formaram-se grupos com funções muito bem definidas no que dizia respeito à citricultura. Exemplo disto é que a maioria dos produtores, em muitos dos casos de origem italiana, era os mesmos que controlavam as firmas de exportação, uma vez que isso pode ser notado nos papéis timbrados de alguma destas empresas agroexportadoras ou pelas propagandas do produto como “Victorino de Mello, citricultor e exportador” ou “Francisco Baroni & Filha”, plantadores e exportadores”.

Outro elemento que nos chama atenção deste universo é as nomenclaturas dadas aos sujeitos que compõem o processo de produção. Os produtores de médio e pequeno porte eram denominados *chacreiros*, que viviam com suas famílias em chácaras de extensões menores. Os fazendeiros por sua vez eram produtores maiores, que dominavam terras de grande porte, a maior parte destes terrenos eram arrendadas ou compradas por muitos deles. Estes mesmos fazendeiros podiam ainda atuar de outras formas: como proprietários de centros de beneficiamento (os barracões), comerciantes em entrepostos no Rio de Janeiro e como exportadores.²⁰ Muitos destes negociadores de laranja segundo Souza:

“[...] beneficiavam aquelas [laranjas] que compravam de pequenos e médios produtores, e podiam também beneficiar a produção de *chacreiros* mediante pagamento em dinheiro ou laranjas. Os citricultores que atuavam diretamente no beneficiamento e exportação obtiveram os maiores lucros da citricultura, inclusive maior poder de barganha nas negociações de compra da produção dos *chacreiros*.”
(Ibid, 1992, p.60)

¹⁹ Ibidem, 1992, p.55.

²⁰ Idem, 1992, p.60.

Boa parte destes *chacreiros* eram de origem europeia, especialmente portuguesa. Porém há que se diferenciarem dois tipos de “*chacreiros*”: o primeiro era de grande porte, ou seja, controlavam uma grande extensão de terras e empregava um número significativo de trabalhadores; e, em segundo, havia os pequenos “*chacreiros*” que contavam apenas com o trabalho doméstico para produzir.²¹ As formas de contrato de mão de obra mais usuais entre “*chacreiros*” e trabalhadores eram a parceria e o assalariamento, fossem os empregados temporários ou permanentes. De acordo com Sonali Maria de Souza os parceiros eram em sua maioria portugueses, mineiros e de outras localidades do estado do Rio de Janeiro. Eram chamados de *meeiros*. Este sistema de parceria ao que parece para Souza, não era o mais empregado, mas sim o trabalho assalariado de empregados do tipo permanente ou contratado por empreitada.

Este recurso de contratação de trabalhadores temporários, pagos por empreitada, era grande. Trabalhavam principalmente na capina e na colheita, sendo recrutados homens, mulheres e crianças pelos *chacreiros*, *meeiros* ou pelos comerciantes que, ao comprarem o produto, traziam uma *turma* para efetuar a coleta.²² Ainda segundo Souza também existia os chamados catadores ou apanhadores de laranja que ocupavam uma posição de menor relevância na hierarquia de produção. A eles não era permitida a construção de casas e a produção de pequenas plantações na propriedade. Eram convocados duas vezes por ano, ou seja, um trabalho tipicamente sazonal.²³

Isto pode ser confirmado na fala de uma das entrevistas coletadas pelo nosso projeto de regaste da memória iguaçuana por meio do uso da História Oral.²⁴ No relato de D.B, ela descreve que trabalhava nas terras de um proprietário português e cuidava de uma área do “sítio”. D. B trabalhava na limpeza dos laranjais assim como boa parte dos seus irmãos, o que parece ter sido realidade de muitas crianças nesse período.²⁵

Outra oportunidade de trabalho estava nos barracões de beneficiamento ou de confecção das caixas de laranjas, atividade que novamente concentravam um bom número de

²¹ Ibidem, 2008, p. 83.

²² Ibidem, 1992, p. 66.

²³ Ibidem, 2008, p. 83.

²⁴ Ver in: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. [3ªed.] Rio de Janeiro: FGV, 2006.

²⁵ NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *Caminhos de Negros: Vida, Trabalho e Desenvolvimento Urbano*. (Nova Iguaçu, 1880-1940). FAPERJ. Rio de Janeiro, 2009, p. 7.

crianças e mulheres, além de homens. Isto também pode ser corroborado com a fala de outra entrevistada, A.M.S. Ela nasceu em um bairro de Nova Iguaçu chamado Cabuçu, que era muito distante do centro do município, onde havia escolas e igreja. Bem cedo já trabalhava na embalagem junto a seu pai, que era dono de um dos diversos barracões de exportação de laranja, de terras e caminhões para transporte até a malha ferroviária. Ela ainda nos relatou que seu pai comercializava o produto e certa vez foi a Argentina vender diretamente. Como possuía terras, ele também aceitava famílias de migrantes que passavam a trabalhar como meeiros.²⁶

Porém faz-se importante destacar que em fins da década de 1930 além das atividades sazonais ligadas a plantação, colheita e armazenamento das laranjas nos barracões, outro polo também agregou boa parte de trabalhadores neste momento e não impediu que o eixo da terra se transferisse para indústria: o trabalho nas olarias de tijolos e telhas. O trabalho nas Olarias se fez presente desde o século XIX em Nova Iguaçu e se aguçou ainda mais com a produção laranja, que por sua vez provocou o crescimento populacional e, o número de construções na região. Este processo fica igualmente marcado na entrevista de outros dois personagens deste período. O primeiro deles é Delvira Marques Vicente, de oitenta e dois anos de idade.²⁷ Nossa entrevistada nascida em trinta e um de outubro de mil novecentos e vinte nove no distrito de Dorândia, interior de Barra do Piraí, estado do Rio de Janeiro. Filha de Francisca de Souza Monteiro e Eugênio Marques Monteiro, Dona Delvira se muda com os seus pais, seus outros irmãos e uma irmã para o município de Vargem Alegre, localizado entre os municípios de Pinheiral e Barra do Piraí, a fim de que o chefe da família trabalhasse em uma Olaria.

Após o falecimento de seu pai ela vem para o município de Belford Roxo, distrito de Nova Iguaçu naquele momento, juntamente com a família a pedido do irmão de sua mãe que era encarregado de uma Olaria e pelo fato do dono seu “cumpadre”. Sua mãe que já fornecia “pensão” aos trabalhadores da Olaria em que seu pai trabalhou em Vargem Alegre passou a exercer a mesma função na Olaria agora em Belford Roxo, na Baixada Fluminense. D. Delvira assim como já fazia anteriormente, continuou auxiliando sua mãe nas atividades da pensão como pagar as contas, anotar em uma “caderneta” tudo o que era consumido pelos trabalhadores da olaria.

²⁶ Idem, 2009, p.7.

²⁷ Delvira Marques Vicente. Entrevista realizada em 25 de setembro de 2009.

Mesmo após estar casada, D. Delvira manteve seu auxílio junto a mãe na pensão da olaria passando inclusive a “lavar roupa para fora” dos trabalhadores que estavam empregados na Olaria. Mas tarde fazia um curso de corte e costura para reunir o montante e comprar o lote próximo a própria Olaria para a construção de sua casa e ainda atual residência. O nosso segundo caso é o de Edvaldo Vitor dos Santos²⁸, nascido no estado de Sergipe em dois de junho de mil novecentos e trinta e dois, filho único, é criado pelos seus avós paternos, uma vez que sua mãe faleceu logo após seu nascimento. Ele vem para o Rio de Janeiro na década de 40 com seu pai a trabalho, porém retorna a Sergipe. Ele voltaria novamente ao Rio de Janeiro casado com Laudiceia, sua já falecida conjugue, e passaram a residir em Belford Roxo, distrito de Nova Iguaçu. Ele trabalhava como cobrador da antiga empresa de ônibus Albatroz, atual Caravele, por algum tempo, mas se afasta da atividade por motivos de saúde.

Sem poder voltar ao emprego, passa a trabalhar por conta própria como comerciante na localidade e acaba por criar laços de amizade com o dono de outra olaria da região, segundo o entrevistado um imigrante espanhol atendido por Ramon. Sr. Edvaldo passa então a vender artigos para os trabalhadores a pedido do dono da olaria e ao fim de cada mês as pendências anotadas em sua caderneta eram descontadas de cada um dos “peões”. A presença desta olaria segundo nosso entrevistado se torna tão relevante e eficaz que ele diz: “Eu sobrevivi por causa da olaria.” Seu pequeno se amplia tanto, que seu Edvaldo constrói casas para aluguel no terreno junto ao de sua casa, sendo que o loteamento de sua residência que é a mesma até hoje, foi negociado por sua esposa.

Diante destes dados apresentados é possível constatar que entre as décadas de 1920 e 1940 existiu um crescimento populacional expressivo dentro do município de Nova Iguaçu. Outro dado importante é que não somente a citricultura gerou possibilidades de trabalho, mas igualmente o comércio e pequenas indústrias como as Olarias. Todos estes fatores implicaram como atrativos para o deslocamento da população rural rumo à Nova Iguaçu. Entre os anos de 1920 e 1940 Nova Iguaçu foi o município que mais cresceu em números no Brasil, saltando de uma população total de 33.396 para 140.606 habitantes.

Tal crescimento deveu-se em parte ao aumento populacional urbano de São João de Meriti, Nilópolis e Duque de Caxias que já apresentavam um processo pleno de loteamento

²⁸ Edvaldo Vitor dos Santos. Entrevista realizada em 17 de maio de 2010.

urbano junto às estações ferroviárias.²⁹ Entretanto é impossível negarmos que o deslocamento populacional se deu em sua maioria em virtude da laranja. Isto foi possível de se constatar com algumas das informações descritas anteriormente nos depoimentos de D.B e D.AMS e com acréscimo 22.585 habitantes em Nova Iguaçu no momento áurico da citricultura, registrado por Sonali Maria de Souza. De agora em diante, entretanto, veremos o processo de declínio da citricultura, algumas de suas principais causas e respectivas consequências para o município de Nova Iguaçu.

O declínio da Citricultura a partir da Segunda Guerra Mundial

Como já foi exposto anteriormente, a produção da laranja no município de Nova Iguaçu se fez essencialmente entre os anos de 1920 e 1940. Muitos foram os fatores que contribuíram para a decadência desta cultura, um deles foi a deflagração da Segunda Guerra Mundial. Como a produção era basicamente:

“[...] voltada para a exportação, a interrupção do transporte marítimo (efetuado por navios frigoríficos estrangeiros) durante a Segunda Guerra Mundial trouxe uma séria crise para o escoamento da produção para a Europa, agravada com a ingerência de organismos federais criados então para a proteção dos produtores, como a Comissão Executiva de Frutas, cuja a ineficiência era denunciada pelos grandes jornais (inclusive na imprensa argentina) e associações de classe.”³⁰

As dificuldades impostas pelo transporte, em virtude do racionamento de combustível, e ausência de estrutura interna não permitiram a comercialização no mercado nacional daquilo que não foi exportado. Outros fatores como a falta de armazéns frigoríficos fez com que os frutos apodrecessem nos pés, ocasionando uma praga chamada “mosca do mediterrâneo” (*Ceratitis capitata*). O aparecimento desta mosca nos pés de laranja de Nova Iguaçu gerou uma abrupta queda na produção total. Os proprietários não souberam como combater o problema e não receberam auxílio necessário por parte do governo.

²⁹ Ibidem, 2009, p.8.

³⁰ Ibidem, 1992, p. 74.

Uma matéria do jornalista Luiz Martins de Azeredo, no Jornal Correio da Lavoura, expõe bem as dificuldades enfrentadas naquela década de 1940. Demonstrava que havia a esperança de com o fim da Segunda Guerra Mundial o município pudesse novamente exportar laranjas em grande volume. De acordo com conversas estabelecidas entre os governos brasileiro e britânico, ficava claro um interesse deste último na compra da laranja iguaçuana. Porém, segundo o autor, o município não foi capaz de fornecer o fruto visto o abandono dos laranjais. Luiz Azeredo aponta que a "Comissão Executiva de Frutas" deveria amparar os produtores auxiliando por todos os meios possíveis a restauração de seus laranjais. Tais medidas fariam com que as plantações retomassem o nível de produção igual ao período de 1940, como podemos perceber nesta passagem:

“Infelizmente os produtores-iguassuanos, parece, não poderão atender, assim de pronto, a pedidos de remessas vultosas. É que a maioria dos laranjais iguassuanos, cujos proprietários não dispunham de recursos bastantes para eles cuidarem como eram aconselhados, sem garantias de uma colocação regular do produto, numa safra que logo pudesse compensar seus esforços e cobrir todas as suas despesas, ficou em completo abandono no meio do mato [...]”³¹

Assim sendo, os produtores da Bacia do Prata beneficiaram-se, uma vez que souberam como se precaver do ataque da praga importando do Brasil seu predador natural (uma vespa denominada cientificamente de *Terrastichus giffandianus*).³² Segundo Sonali Maria de Souza, o município de Nova Iguaçu em 1939:

“[...] produziu 2.111.618 caixas, das quais um pouco mais da metade era destinada á exportação, em 1941 a produção caiu para 1.554.644 caixas, das quais 888.844 para exportação e 665.800 para o mercado interno. A inversão da comercialização é visível no decorrer do período da guerra, de uma vez que o mercado nacional passa a ser o principal comprador do produto.”³³

Outro duro golpe no cultivo da laranja foi dado ao termino da Segunda Guerra Mundial, quando a produção não cobria nem mesmo o consumo interno, visto que o fim do conflito

³¹ CL, Domingo, 23 de Setembro de 1945, p. 1

³² Ibidem, 2006, p. 47.

³³ Ibidem, 1992, p.75.

absorvia o capital estrangeiro³⁴. Porém quando a comercialização externa do fruto havia tomado novo fôlego, oferecia bons preços e os produtores acreditavam na possibilidade de recomeçar a exportação, o governo, contudo, não permitiu o comércio externo da laranja com o intuito de atender primeiramente o mercado interno. A indignação em torno desta decisão do governo pode ser vista nesta passagem da coluna do articulista Luiz de Azeredo, no jornal *Correio da Lavoura*:

“[...] Agora em plena valorização do produto, uma portaria do ministro da Fazenda, sem mais nem menos, proíbe a exportação de frutas, causando a medida verdadeiro pânico em nossas classes produtoras, Tal portaria, que é bem capaz de dar um golpe de morte na fruticultura nacional, foi assinada parece, porque o Govêrno está alarmado não só com a escassez, senão ainda com o alto preço das frutas, sobretudo no mercado do Rio de Janeiro, e pretende, assim procedendo, baixar os preços e melhorar o abastecimento dos centros consumidores do País, o que não se dará, segundo fez ver há pouco o agrônomo José Eurico Dias Martins [técnico do Ministério da Agricultura]”³⁵

Ao que parece às proibições continuariam nos anos que se seguiram. Desta vez podemos constatar isso na sessão da câmara de vereadores de Nova Iguaçu:

“Na sessão de quinta-feira, a primeira de um período de sessões extraordinárias, três assuntos principais foram ventilados: o caso político de S. Paulo, o caso do vereador Juvenal e a proibição mais uma vez da exportação de laranjas.”³⁶

Além da crise econômica, ao longo da década de 1940 ocorreram diversas mudanças administrativas e políticas que marcaram a cidade. Em 1943, foi criado por meio do Decreto nº 1055 o município de Duque de Caxias. Os prefeitos de Nova Iguaçu e Duque de Caxias, recém-emancipada, foram nomeados pelo interventor federal. No processo de emancipação de

³⁴ MENDONÇA, Sônia Regina de. Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Graal, 2ª ed., 1987. (parte II)

³⁵ *Correio da Lavoura*, Domingo, 23 de Março de 1947, p. 1.

³⁶ *Correio da Lavoura*. Coluna “Cheguei, ouvi e anotei...”, Domingo, 11 de Abril de 1948, p. 1

Caxias³⁷, o distrito de São João de Meriti passou a reportar-se ao novo município. Na divisão territorial de 31 de dezembro de 1943, o município de Nova Iguaçu passou a ter cinco distritos: Nova Iguaçu, Belford Roxo, Cava, Nilópolis e Queimados, sendo o distrito de Bonfim extinto. Porém em junho de 1947 o distrito de Nilópolis, que por muito tempo esteve vinculado ao distrito de São João Meriti, teve seu pedido feito pelo político Manuel Reis e elevado a 7º distrito de Nova Iguaçu. Com estes desmembramentos territoriais de Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis, Nova Iguaçu não perdeu somente em território, mas igualmente em receita municipal, o que não era nada positivo visto o declínio da citricultura vivido naquela década pela *cidade-mãe*³⁸.

Houve frustração entre muitos ilustres iguassuanos, um sentimento de “rejeição” com a separação dos antigos distritos, como fica claro nas palavras do articulista Luiz de Azeredo em sua coluna diária. Na publicação de 25 de maio de 1947, dizia o jornalista que, em 1943, Nova Iguaçu tinha mais de 140 mil pessoas e 7 milhões de cruzeiros de receita municipal, todavia, com a separação dos distritos de São João de Meriti e Duque de Caxias de um momento para outro a receita municipal caiu para 4 milhões e a população foi reduzida em 50%.

Segundo ele, com essa separação a cidade não conseguiu se reerguer em números fiscais e humanos. O jornalista entende que não se pode negar a um município o direito à autonomia, mas que isso era algo que exigia um "acurado" estudo e que deveria ser resolvido com uma lei especial. Para ele o motivo dessas emancipações são a falta do emprego adequado e de verba pública nos municípios e seus distritos. Para o colunista o que deveria ser feito na lei é a atribuição de uma maior responsabilidade ao chefe do executivo municipal e por sua vez aplicaria como consta em lei nada menos que 30% da receita distrital dos impostos arrecadados nas obras públicas necessárias.

Luiz Azeredo pontua que Nilópolis possuía condições de se emancipar, porém entendia que seria difícil conseguir arcar com as despesas do município visto seu tamanho, e por ausência de zona rural para expandir e viver dos seus próprios recursos. Já Nova Iguaçu

³⁷

³⁸ VICENTE, Edson Borges. Nova Iguaçu, Cidade Mãe do nascimento de Iguassú a gestão de Iguaçu Nova em uma abordagem geográfica. Disponível no site: <http://www.geoeducador.xpg.com.br/textos/artigoedson.pdf>, em 20/07/2009.

sofreria um novo golpe com a separação de Nilópolis visto que ele ainda precisaria manter os distritos de Queimados, Vila de Cava e Belford Roxo com cerca de 700 km². E ele finaliza:

“Não queremos dizer que Nilópolis não se torne independente, mas a seu tempo, depois de estudos que assegurem o êxito de sua autonomia. Assim, sem mais nem menos, ela poderá ser desastrosa para o povo nilopolitano que, pelo dinamismo, merece ter sempre garantido, como até hoje se verificou, o desenvolvimento de sua terra.”³⁹,

Alguns movimentos no sentido de fortalecer e criar perspectivas em relação à citricultura foram criadas pelo poder municipal. Em 22 de setembro de 1946 o então prefeito Paulino Barbosa criou o dia da Laranja, promovendo uma feira com a exposição de com os produtores e premiando o fruto com melhor apresentação, bebidas e preparos em conserva com a laranja. No entanto a decadência estava instalada. Tudo isto nos revelou que foram poucos os produtores que conseguiram manter a produção e, aqueles que conseguiram acabaram sendo prejudicados fortemente com essas medidas em sequência promulgadas pelo governo. A crise afetou todos os setores da economia iguaçuana, desde os pequenos comerciantes até a indústria de beneficiamento do produto. A partir deste momento a cidade buscou novos elementos para que pudesse se reerguer, dada à ruína da laranja, assumindo novas funções, buscando enfim valorizar elementos que fizessem com que a urbe crescesse durante todo esse tempo.⁴⁰

Das chácaras aos loteamentos

A cidade de Nova Iguaçu era centro administrativo e comercial rural, que atendia, sobretudo, aos que viviam nas chácaras e fazendas citricultoras que se estendiam ao redor de toda a cidade. Com o declínio do cultivo da laranja, houve um movimento de loteamento das terras antes cultivadas. A decisão de lotear passou a ser concretizada devido à desvalorização

³⁹ Correio da Lavoura, Domingo, 25 de Maio de 1947, p. 1

⁴⁰ Ibidem, 2006, p. 48.

da laranja e, em contrapartida, da valorização das terras que naquela conjuntura ganhou grande propaganda em torno dos lotes. O assédio dos *chacreiros* também induziu neste sentido. A terra neste momento passou a ser pensada como loteamento e abertura de caminhos para a ampliação da rede de transportes, o que encaminhou de certa forma o surgimento de uma nova cidade, ligada ao crescimento da indústria, do pós-guerra.

Para aqueles que eram pequenos ou médios *chacreiros*, a ampliação dos loteamentos no final da década de 40 e início dos anos 50 os levaram a um caminho decrescente. Muitos deles prosseguiram com suas casas no mesmo local das *chácaras*, acordando com o loteador a parte que caberia seria loteada e conseqüentemente vendida. Aqueles que adquiriam os terrenos erguiam ali suas residências e muitas das ruas ganhavam o nome dos *chacreiros*. Em alguns casos, segundo Sonali Souza, os *chacreiros* eram retirados a “força” de suas terras, para a transformação das *chácaras* em loteamentos. Já para os grandes fazendeiros o processo de lotear foi algo rentável. Muitos deles formavam grupos imobiliários para administrar os lotes.

Porém com o loteamento das terras antes ocupadas pelos laranjais, também existiram os casos de moradores, como chama Souza, que continuaram nas propriedades que estavam instalados, por meio da compra de um lote. Outro componente interessante deste processo de loteamento foi a contestação de diferentes atuantes por terras públicas, terras ocupadas pela pecuária, parcelamento das propriedades de *famílias tradicionais* e titulação de terra. Isto ocorria em virtude dos laranjais não ocuparem todo o município, mas concentrado no distrito-sede. De tal modo podemos dizer que existem continuidades e interrupções nesse processo. O parcelamento das terras antes ocupadas pela laranja que serviam para as *chácaras* e fazendas, agora era dividida e transformada em lotes. Segundo Souza:

“Os *chacreiros* estavam subordinados aos grandes proprietários, por um lado, porque arrendavam terras destes, por outro, pelo controle exercido pelos proprietários do comércio de exportação e financiamento. Nesse sentido, os *chacreiros* não estavam subordinados aos interesses de setores capitalizados. Também subordinados estavam os parceiros, e o grande número de trabalhadores assalariados dos quais grande parte não tinha morada nas fazendas, habitando nos pequenos povoados próximos às estações ferroviárias.”⁴¹

⁴¹ Ibidem, 1992, p.87.

Outro aspecto interessante é que nem todos os lotes foram adquiridos por trabalhadores. Muitos deles foram comprados diante do movimento de especulação imobiliária, tiveram sua aquisição feita com o sentido de venda ou aluguel de casas. Também se iniciava o interesse na aquisição de lotes para fins comerciais, ou seja, para casas de materiais de construção, mercados e afins, para aqueles que começam a ocupar lotes na região da Baixada visto o progresso anunciado pelo crescimento industrial. Agora a cidade de Nova Iguaçu iria ter seus espaços ocupados por práticas econômicas diferenciadas e por uma população proveniente de origens distintas, neste caso de muitos estados do nordeste e do sudeste.

O movimento agora era de passagem de uma economia agrícola para uma economia de bases industriais, obviamente este não é um processo automático, mas que envolve um sistema complexo e de consequências de lutas econômicas, políticas e ideológicas. Nesta conjuntura Nova Iguaçu vai abandonando a citricultura e vai dando lugar para a chegada de investimentos ligados a indústria e o comércio, visto que a região passava a possuir duas características importantes dentro da nova conjuntura em que o Brasil vai se inserir: mão-de-obra e mercado consumidor.⁴² Com o processo de loteamento o número de moradores novos, empregados em indústrias locais ou naquelas que estavam localizadas na cidade do Rio de Janeiro, incidiram sobre a economia local e o comércio cresceu demasiadamente neste momento.

Ou seja, esta ocasião ficou marcada segundo Adrianno Rodrigues por uma ocasião de estratégia econômica e progressiva das chamadas indústrias de bens de consumo duráveis e de bens de capital. A região Sudeste, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro, naquele momento representavam uma papel importantíssimo e por isso tinham a maior parte dos investimentos do setor industrial. Foi nessa conjuntura que se inseriu Nova Iguaçu, ou seja, em um quadro de expansão econômica do Brasil e da cidade do Rio de Janeiro onde o município, após a crise da laranja e o consequente retalhamento das fazendas em loteamentos, buscou criar condições para a atração das indústrias que se instalavam e conseqüentemente, de trabalhadores.⁴³

⁴² BATISTA, Allofs Daniel. Da laranja ao golpe: Nova Iguaçu e a instabilidade política nos primeiros anos do Regime Civil Militar. Nova Iguaçu. Monografia, 2011, p. 16.

⁴³ Ibidem, Rodrigues 2006, p.57.

Com as melhorias sofridas, a Rodovia Presidente Dutra atraiu para a cidade muitas empresas, exemplificando o que foi discutido no parágrafo anterior. Dentre os ramos industriais, podemos citar o caso da Cia, de Canetas Compactor em 1954, instalada no bairro da Posse e da Bayer do Brasil S/A que instalou seu parque industrial no ano de 1958, no distrito de Belford Roxo. Segundo Paulo Fontes, para muitos destes migrantes a oferta de emprego nas capitais eram um grande fator de atração e de expectativa nas melhorias concretas das suas condições de vida. Geralmente com poucos recursos e contando com a ajuda de parentes e amigos em seu estabelecimento inicial, era fundamental para o recém-chegado que sua inserção no mercado de trabalho se desse o mais rapidamente possível.⁴⁴ Um exemplo destes migrantes atraído pelas oportunidades de emprego nas décadas de 1950 e 1960, foi um de nossos entrevistados o Senhor Severino João Alexandre⁴⁵.

Severino João Alexandre nasceu em quinze de novembro de mil novecentos e quarenta e oito, na cidade de Timbaúba, localizada na zona da mata de Pernambuco. Filho de dona Iraci Leonilda e João Alexandre, e irmão de outros onze irmãos. Ele nos relata que por toda a infância trabalhou com os pais no campo, mas aos dezoito anos ele resolve migrar para o Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades. Ao chegar ao Rio de Janeiro o senhor Severino passa a residir em Belford Roxo, distrito de Nova Iguaçu. Trabalhou no ramo da construção civil em algumas empresas localizadas na cidade do Rio de Janeiro. Igualmente trabalho na fabricação de telhas e tijolos em algumas olarias de Belford Roxo, inclusive uma delas era a mesma citada por D. Delvira, no depoimento mencionado anteriormente.

Devemos dizer aqui que o Sr. Severino, D. Delvira e Sr. Edvaldo residem na mesma rua, e que todos constituíram uma importante rede econômica e social em torno das Olarias, além do fato de confirmarem a presença de loteamentos sob condições de relativo acesso e aquisição, visto que os terrenos adquiridos por eles neste momento foram provenientes deste movimento de retalhamento de terras já discutido anteriormente. Porém foi com a implantação da Bayer do Brasil S/A no ano de 1958, que o Sr. Severino consegue sua oportunidade de um emprego estável do setor denominado empreiteira, onde aprofundou o ofício de pedreiro já realizado anteriormente. Neste momento segundo Fontes, cabia ao novo trabalhador a pouco tempo chegado ao mundo fabril aprender na prática sua nova função, o

⁴⁴ FONTES, Paulo. ““Mala de papelão e patuá nas costas”: migrações nordestinas nos anos 1950 em São Paulo.” In: Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p. 63.

⁴⁵ Entrevista realizada em 12 de junho de 2009.

que muitas das vezes expressava transformar o trabalhador do tipo rural no trabalhador fabril, no operário fabril.

Outra característica que evidencia muito bem essa expansão do campo industrial é a fundação e crescimento da Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu – ACINI. Segundo Allofs Batista um pequeno grupo de comerciantes na década de 1940 funda oficialmente em 1945 a Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu. Dois anos após, será obtida a sede social onde abrigaria festas, homenagens e especialmente reuniões de grupos como a Arcádia Iguaçuana de Letras⁴⁶, que seria fundada mais tarde, no ano de 1956. Ainda segundo Batista:

“Este grupo denota o crescimento de Nova Iguaçu enquanto parque industrial do Estado, o que implica num aumento de operários nas indústrias e de trabalhadores em atividades ligadas aos ramos do comércio e de serviços. Isto vai resultar em um aglomerado de trabalhadores assalariados que atuam tanto na região como desempenharam o conhecido movimento pendular entre as cidades de Nova Iguaçu e Rio de Janeiro, por meio dos trens e ônibus.”⁴⁷

O nascimento de uma instituição de caráter representativo como ACINI para comerciantes e empresários, demarcou mais do que nunca a conjuntura na qual a cidade de Nova Iguaçu esta vivenciando. Esta associação buscava garantir aos investidores nos ramos do comércio e da indústria uma coesão para prosperar na cidade. Mas nos informa igualmente, e indiretamente, que pelo fato de eles buscarem constituírem um setor jurídico que pudesse atender a todos os associados, haveria muitas tensões. Estas tensões poderiam vir da relação entre patrões e empregados, pois se a indústria passava por franco crescimento, a demanda de mão-de-obra acompanhou tal crescimento.⁴⁸

Todas estas informações e dados são de suma importância para que possamos compreender a atmosfera na qual Nova Iguaçu estava envolvida no final da década de 1940 e

⁴⁶ A Arcádia Iguaçuana de Letras foi um importante grupo e espaço de sociabilidade presente na cidade de Nova Iguaçu, composto por personagens locais como o fundador do Colégio Leopoldo, o Sr. Leopoldo Machado e Luiz Martins de Azeredo, jornalista e filho do Jornal Correio da Lavoura, Silvino de Azeredo. Ela foi criada em (colocar a data). A Arcádia será o objeto da presente discente em seu projeto de mestrado.

⁴⁷ Ibidem, Batista, 2011, p.18.

⁴⁸ Idem, p.19.

início dos anos 50. É possível concluirmos dentre outras coisas que Nova Iguaçu ao final dos anos 40 provinha de um momento de decréscimo da citricultura devido ao pós-segunda guerra mundial. Neste mesmo sentido, passa por um movimento de expansão dos meios de comunicação rodoviária e ferroviária. Vivia um processo de transição do modelo do tipo agro-exportação, para o modelo industrializado e comercial, bem como o aumento do processo de urbanização e deslocamento populacional. Outro aspecto que se faz relevante aqui é o próprio movimento de redução gradativa de prestígio de forças políticas tradicionais, muito em virtude das mudanças que a própria cidade estava sofrendo.

Deste modo para que se compreenda a transição socioeconômica e política de Nova Iguaçu, é preciso categoricamente observar o discurso da imprensa iguaçuana entre os anos de 1940 e início dos anos 1950. No capítulo que se segue discorreremos sobre a história do semanário Correio da Lavoura, principal veículo de comunicação do município, e sua relação com esta elite local e seu projeto de ruralismo. Apresentarei como o jornal foi um importante mecanismo para a valorização do ensino agrícola na primeira e segunda geração do jornal.

A educação pelo *quarto poder*: Um olhar sobre a coluna do jornalista Luiz Martins de Azeredo (Nova Iguaçu - 1945-1948)

Neste capítulo será feita uma análise histórica do *Correio da Lavoura* a partir da trajetória de seu fundador Silvino de Azeredo e de seu filho Luiz Martins de Azeredo. No primeiro momento apresentarei como os objetivos do jornal - lavoura, instrução e higiene - nortearam suas páginas e da vida de seu criador. Silvino de Azeredo aliado a um projeto ruralista buscou valorizar a relação homem-campo e com isso, promover o ensino agrícola em Nova Iguaçu. Em uma segunda etapa do trabalho, mostrarei como Luiz Martins de Azeredo, representante do *quarto poder*, discutiu o papel da educação iguaçuana no final da década de 1940 em sua coluna intitulada *Luiz Martins escreveu...* Por meio dela o jornalista prosseguiu com o incentivo a instrução iniciado pelo pai e agregou a educação elementos como a cultura e acesso a literatura.

Desde sua fundação em 1917, o jornal *Correio da Lavoura* foi um importante veículo de comunicação no município de Nova Iguaçu. Este periódico do interior fluminense mobilizou demandas ligadas ao campo, ensino e saúde. O semanário fundado por Silvino Azeredo defendeu uma posição tipicamente ruralista. A vinculação das matérias com o projeto ruralista⁴⁹ do Estado e de grupos políticos locais exemplifica isto. Esse posicionamento pró-lavoura iniciado na segunda década do século XX será dado prosseguimento por seus filhos nos anos seguintes. Com uma escrita ainda literária e opinativa⁵⁰ a segunda geração do Azeredo, não só continuou os objetivos deixados pelo pai,

⁴⁹ Uso aqui o conceito de ruralismo empregado por Sonia Regina de Mendonça. De acordo com a autora o ruralismo é parte de um grupo de mudanças suscitadas pelo processo de industrialização em sociedades de bases agrárias. Este fenômeno está acompanhado por uma revalorização do mundo rural que até um determinado momento era predominante. Veja: MENDONÇA, Sonia Regina de. *O ruralismo brasileiro (1888-1931)*. São Paulo: Hucietc, 1997, p.10 e 11.

⁵⁰ Até os anos 1940, boa parte dos jornais eram basicamente instrumentos políticos. A tiragem em geral era pequena e os recursos econômicos também. Os periódicos eram amplificadores do Estado ou de grupos políticos que os financiavam em parte ou totalmente. Sobre o jornalismo na década de 1940 veja: RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. n° 31, 2003, p. 147-160 e SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. [1ª Ed. 1966] Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

mas agregou novas perspectivas a eles. Todavia, para abordar a continuidade da folha é preciso antes traçar um breve perfil do capitão Silvino Azeredo e o contexto de criação do jornal.

De acordo com Amália Dias entre os anos de 1917 e 1935 existiam em Nova Iguaçu 35 periódicos, porém apenas um permaneceu ativo: o *Correio da Lavoura*. Segundo as palavras dos colaboradores do jornal o semanário foi o único a permanecer, visto que o fundador era Silvino Hypólito de Azeredo Coutinho. Silvino Azeredo como usualmente assinava sua coluna, sempre demarcou muito bem os princípios do jornal. Dentre as principais temáticas defendidas pelo semanário estavam a educação e a valorização do homem do campo. Inúmeras matérias enfatizam os elementos citados acima como essenciais para o crescimento econômico e populacional do município. Desde a primeira edição do *Correio da Lavoura* o capitão Silvino deixou muito definido que a proposta de seu impresso estava alinhavada ao futuro do município de Nova Iguaçu:

“[...] O Correio da Lavoura, iniciando sua publicação com o presente, número (em continuação d’ O Iguassú), vem dizer ao público de sua missão [,] jornal independente [...] cheio de boa vontade para o progresso intelectual, moral e material deste município de cujo alto interesse tornará “valente defensor”.⁵¹

E ele ainda completa:

“Em suas colunas será consagrado o maior culto á honra, á verdade e a justiça, manifestavam-se com critério sobre todos os assumptos de interesse público. Será um jornal sério, próprio, para o interior, adequado aos pequenos povoados, que vivem em família; dedicando mais ao nobre e honrado lavrador – ente feliz e independente – qual a divisa deste jornal. É assim que queremos o jornalismo, é assim que o desejamos exercer, amparados pelos favores do povo de Nova Iguaçu que, estamos certos, nos fará a devida justiça, honrando-nos com sua valiosa simpatia. (Silvino Azeredo)”⁵²

⁵¹ *Correio da Lavoura* (doravante CL), Nosso Objetivo, 22 de março de 1917, p 1.

⁵² CL, Nosso Objetivo, 22 de março de 1917, p 1.

Podemos notar que a folha enaltece o aspecto de ser “independente”. Ao que creio, as disputas políticas locais tinha por sua primazia defender qualitativamente fatores essenciais como moralidade e a instrução. A moralidade muita das vezes estava atrelada ao cenário religioso católico⁵³ visto o número de matérias e cadernos especiais publicados divulgando festividades, como a comemoração do padroeiro da cidade. A instrução se fazia especialmente nas colunas voltadas para o “ensino” do lavrador. Neste sentido o diretor chefe reforçava seu compromisso com o público de assinantes e anunciantes. O *Correio da Lavoura* vai caracterizar bem o que Juarez Bahia retrata por jornal de interior entre os anos de 1930 e 1940 no Brasil:

“No interior do país, jornais feitos á mão ainda circularão por muito tempo, compostos em caixa francesa e prensados ao impulso pedal ou braçal, como a testemunhar as profundas diferenças regionais que caracterizam a Federação. Distantes, em produção e em organização administrativa, das estruturas editoriais em funcionamento no Sudeste [...]”⁵⁴

O semanário pela sua estrutura simples e basicamente constituída pela família e colaboradores, corrobora assim com a definição de Bahia. Todavia, este jornal traz um interessante dado que não consta em suas páginas: as mãos que o faziam eram de intelectuais negros⁵⁵. Em fotografias publicadas e de arquivos da família Azeredo essa importante condição nos é apresentada, visto que o jornal foi criado apenas 29 anos após o processo de abolição da escravidão no Brasil. Este fator confirma a possibilidade de mobilidade dada através da educação e justifica em parte o enaltecimento do acesso a instrução nas páginas do *Correio da Lavoura*. Deste modo é necessário olhar com atenção para uma breve trajetória do fundador Silvino Azeredo e de como ela se entrelaça com aspecto educacional.

⁵³ Silvino Azeredo fazia parte da Liga Católica Jesus, Maria e José. A liga foi fundada pelo vigário Paulo A. De Sanctis em 12 de outubro de 1924 e oficializada em 19 de julho de 1925. Para saber mais da Liga Católica ver em: AZEREDO, Luiz Martins de. Padre João: Apóstolo do Bem em Nova Iguaçu. Cadernos de Nova Iguaçu. Nova Iguaçu: Diocese, 1980.

⁵⁴ BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*1. História da Imprensa Brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1990 p.214

⁵⁵ DIAS, Amália. *Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)*. Rio de Janeiro, UFF, Tese de Doutorado, 2012. p.27.

Silvino Hypólito de Azeredo Coutinho nasceu em Cachimbau, Vila de Iguassú, em 17 de junho de 1859, filho de Cândido de Almeida de Azeredo Coutinho e Tereza Joaquina Conceição Coutinho⁵⁶. Ficou órfão aos oito anos de idade e sob a tutela Antonio Manoel de Castro Portugal. Trabalhou por algum tempo na localidade de Iguassú. Dentre as diversas atividades desempenhadas por Silvino de Azeredo, podemos elencar que ele frequentou até o terceiro ano do curso de Medicina e Farmácia, lecionou como professor de Matemática no Liceu Literário Português⁵⁷.

Segundo Amália Dias, Silvino Azeredo igualmente deu aulas em uma escola pública na cidade de Paty de Alferes, onde já era casada com Avelina Martins Coimbra⁵⁸. Trabalhou no ramo de hotéis e de secos e molhados. Em 1904 retorna ao Rio de Janeiro como funcionário da Alfândega e estabelece residência em 1908 em Maxambomba, distrito da cidade de Nova Iguassú. Esse momento de retorno ficou registrado na fala de um de seus netos, Robson Azeredo. O Sr. Robson aponta em entrevista que seu avô chega à cidade de Nova Iguaçu em 1908 com a maioria dos filhos, já que quatro dos treze que teve eram nascidos em Nova Iguaçu:

“E já trouxe pra cá a maioria dos filhos. Desses treze, apenas quatro eram nascidos em Nova Iguaçu, entendeu? Todos os outros são de Paty de Alferes que naquela época era distrito do município de Vassouras, poderoso município por sinal, sobretudo no tempo do império. Eu sou filho do Agelino com a dona Zezé, minha mãe é iguaçuana.”⁵⁹

Em 1913 foi indicado como relator da comissão de revisão dos estatutos da Caixa Auxiliadora dos Empregados das Capatazias, da qual foi eleito presidente a 22 de abril de 1914. Após deixar o cargo público, fundou o jornal *Correio da Lavoura*, cujo primeiro exemplar foi para as ruas em 22 de março de 1917. Diante disto podemos apontar que Silvino

⁵⁶ Silvino de Azeredo (Dados Biográficos). In: *Correio da Lavoura – Suplemento Especial*. Nova Iguaçu - Rio de Janeiro /Edição: 24 de março de 2007. p: 1.

⁵⁷ *Ibidem*, 2012, p. 30.

⁵⁸ Por meio do livro de matrimônio datado de 1889, averiguamos que o nome dos pais de Avelina Martins Coimbra era João Alves Martins Coimbra e Maria Alves Martins Coimbra. As testemunhas de seu casamento foram Bellarmino Alves Martins Coimbra e Henrique Alves Martins Coimbra.

⁵⁹ Entrevista de Robson Belém Azeredo -

Azeredo, também refletiu o que denominamos neste período como sociedade de mercado, ou seja, as relações sociais no século XIX passaram a se basear no impulso natural do homem buscar livremente seus interesses materiais.⁶⁰ O porto passa a ser símbolo de modernidade e de integração ao quadro urbano mais global.⁶¹

Assim o ensino foi um elemento importante na trajetória de Silvino Azeredo o que refletiu na própria criação do jornal e nos objetivos defendidos pela folha. O perfil do semanário espelhou muito a conjuntura nacional de valorização do meio rural e do trabalhador do campo. No caso Iguaçano este enaltecimento se deu pela citricultura entre as décadas de 1920 e 1940. Aliado a isto estava a política governamental de incentivo ao campo, visto o Comitê de propaganda pró-lavoura recebido por uma comissão em 1918 na cidade de Nova Iguaçu, na qual Silvino Azeredo fez parte.

Além de um projeto pró-lavoura, o fundador do *Correio da Lavoura* igualmente defendia o avanço moral e intelectual de sua cidade. Por isso Silvino Azeredo estabeleceu uma escola noturna gratuita para adultos, que tinha por intuito principal combater o analfabetismo e defender o ensino primário municipal. Neste momento não a toa Amália Dias aponta a criação da SNA (Sociedade Nacional de Agricultura) que tinha por proposta organizar e amparar o labor do campo e incentivar o ensino agrícola no país. No caso de Nova Iguaçu, o *Correio da Lavoura* foi um importante meio de comunicação para difusão dessa tríade lavoura, instrução e progresso.

O campo era a fonte de um país próspero. Ponderar a questão fundiária em Nova Iguaçu naquele momento era fundamental. A expansão da produção de laranja e a prosperidade do município em virtude desta cultura, só evidenciava que agricultura deveria ser um elemento de atenção completamente necessária. Pensar no proprietário de terras e no pequeno lavrador era pensar no bem da coletividade. Por isso se fazia necessário cobrar empenho por parte do Estado bem como da população rural, a atenção devida ao desenvolvimento das bases agrícolas. A SNA e o *Correio da Lavoura*, juntamente com outros movimentos civis, apontaram problemáticas sobre a produção agrícola que deveriam ser

⁶⁰ LIMA, Henrique Espada. Sob o domínio da precariedade: escravidão e os significados da liberdade de trabalho no século XIX. In: Topoi. v. 6, n.11, Jul-Dez. 2005. Pp.289-236.

⁶¹ LANNA, Ana Lúcia Duarte. Santos – Transformações urbanas e mercado de trabalho livre 1870-1914. In: História Econômica da Primeira República. Sérgio S. Silva & Tamás Szmrecsányi (organizadores). São Paulo: Hucitec. Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, Editora: USP, Imprensa Oficial, 2002. P. 301

pensadas e solucionadas. Não era por acaso que inúmeras colunas intituladas produção do milho, da beterraba, hortaliças e afins eram veiculadas basicamente em todas as edições do semanário entre os anos de 1920 e 1940, quase anos 50. Logo podemos afirmar nas palavras de Amália Dias que:

“É um projeto de formação social em andamento que vemos ser defendido e experimentado. A campanha promovida pelo Jornal buscava produzir um consenso sobre a importância econômica da agricultura. Apropriando-se do discurso da mecanização da lavoura, da adoção de novos métodos de cultivo e beneficiamento buscava-se assegurar a manutenção daquela atividade econômica, reorganizada em novas bases. Mas como se tratava de um problema de interesse “nacional”, do estado deveria advir uma série de auxílios á lavoura. E a agenda era extensa.”⁶²

Com a abolição, os proprietários agrários precisavam disparar o crescimento da produção agrícola. Para isto era preciso que lavoura obsoleta fosse vista vinculada a um processo de “modernização” e posta como principal ramo da economia nacional. Os diferentes níveis institucionais do governo brasileiro foram acionados. Ministério da Agricultura, Institutos Agrícolas e Sociedades Agrárias se unem entre os anos de 1920 e 1940 a fim de promover o conhecimento e promover uma agricultura moderna. A ciência passaria a ser um elemento essencial neste projeto. Criação de produtos contra as pragas, defesa sanitária e a valorização do técnico agrícola seria parte necessária para a solução dos problemas do campo.

Nas edições do *Correio da Lavoura*, colunas e mais colunas apontavam a importância dos técnicos agrícolas, dos “cientistas do campo”. Entretanto, era preciso mais do que soluções científicas para vencer os problemas de uma lavoura arcaica. O território e a população que lidava com o campo deveria receber instrução para o desenvolvimento da agricultura. Diante disto é possível identificarmos um projeto claro de “incremento das atividades agrícolas [que] pautou parte do uso daquele território e dos projetos de escolarização ali inscritos.”⁶³ De acordo com Amália Dias as instancias governamentais também promoveram uma aliança entre instrução e saneamento. Por isso em 1918 foi criada

⁶² Idem, 2012, p.37

⁶³ Idem, 2012, p.40.

uma Liga Pró-Saneamento do Brasil, por sua vez muito enaltecida pelo *Correio da Lavoura*. Segundo a autora:

“O saneamento rural foi utilizado como ferramenta de intervenção, para a recuperação de regiões insalubres, pretendendo torná-las habitáveis e produtivas economicamente, além de gerar melhorias nas condições de saúde das populações. Isto posto, não apenas centros urbanos como a cidade do Rio de Janeiro, mas também os “sertões” foram alvo da agenda republicana.”⁶⁴

Nova Iguaçu entrou nesta agenda de melhorias sanitárias, o que ocasionou problemas entre os grupos políticos locais⁶⁵. Nas páginas do *Correio da Lavoura* se defendia a necessidade de fazer uma reforma sanitária igual a cidade do Rio de Janeiro, visto o medo das endemias existentes naquele início do século XX. No entanto, alguns anos após a atuação da Liga Pró-saneamento, o jornal noticiou que a ação não foi o bastante para as demandas sanitárias e populacionais do município de Nova Iguaçu. Além destas melhorias administrativas, agrícolas e sanitárias, era preciso formar o lavrador dando-lhes o conhecimento necessário. Redefinir o a relação homem e terra era essencial para concretização desse novo mundo rural. A presença da pesquisa e da cientificidade dava um novo caráter ao campo. Diante disto o papel da instrução foi fundamental para neste novo cenário, por isso a presença do chamado ensino agrícola.

Nesta perspectiva o *Correio da Lavoura* desempenhou uma ação fundamental como difusor das novas técnicas agrícolas junto a homem do campo. Através da instrução os lavradores iguaçuanos teriam a capacidade de elevar a qualidade da produção agrícola do município, deixando para trás um passado de atraso. Muitas colunas do jornal argumentavam à necessidade de se propagar os novos métodos de lidar com o campo. Segundo Amália Dias era possível constatar nas páginas do semanário, um plano definido de sociedade proveniente

⁶⁴ Idem, 2012, 45.

⁶⁵ Para saber mais sobre estes grupos políticos e intervenções estaduais ver: MORAES, Adriano dos Santos. Eis que surge uma prefeitura: a Guarda Nacional, a política local e o município de Nova Iguaçu na Primeira República. Nova Iguaçu, UFRRJ, Monografia em História (TCC), 2012.

de um grupo dominante, no qual o ensino especializado atingiria tanto os adultos quanto a infância. A educação por sua vez seria o caminho base para que esse projeto acontecesse.

A educação no campo faria com que o trabalhador valorizasse seu labor e não abandonasse o meio rural. Para isto as distintas esferas governamentais e da sociedade seriam essenciais para que essa mudança ocorresse. Deste modo, o *quarto poder* exerceria uma função essencial na defesa destas propostas. Nas palavras de Amália Dias:

“É notável o Jornal exercer essa função educativa pela forma como, seus artigos, viabilizava a voz e a prática de sujeitos e experiências que buscavam construir o ruralismo, enquanto ele mesmo atuava pedagogicamente no município [...] sabiam da função da imprensa enquanto partido de interesses, plataforma de defesas e combates, como já haviam demonstrado as campanhas abolicionista e republicana.”⁶⁶

Silvino de Azeredo e todos os colaboradores que compuseram essa primeira geração do *Correio da Lavoura*, sabiam da importância da imprensa como meio pedagógico⁶⁷ de propagação de ideias e novas técnicas para a sociedade. Silvino Azeredo acreditava antes de tudo na capacidade que seu meio de comunicação teria de instigar e resolver os problemas de Nova Iguaçu, especialmente aqueles ligados ao campo. Um discurso pregado desde a fundação do semanário em 1917, pela lavoura e pela instrução, ficava cada vez mais evidente nos debates acerca do ensino agrícola e de ruralidade por meio do cultivo da laranja e de outras culturas em Nova Iguaçu. Esse debate também demonstrava como estavam se definindo o lugar de determinados setores e grupos que compunham a “Califórnia Iguaçuana”. Mostrava a quem seria destinado esse ensino agrícola até então promissor.

Era preciso solucionar as mazelas do espaço urbano e empregar o trabalhador na lavoura, visto que ele enfrentava significativas mudanças após o fim da escravidão. Por isso era necessário estabelecer uma educação rural desde a infância. Porém, esse processo de escolarização seria voltado apenas para as funções do campo. O trabalho rural deveria ser

⁶⁶ Idem, 2012, p. 62

⁶⁷ Sobre o aspecto pedagógico da imprensa ver: BARBOSA, Marialva. História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X 2007.

orientado desde muito cedo para que as atividades tipicamente rurais se mantivessem. Foi o *Correio da Lavoura* quem apresentou em suas linhas a educação como o remédio capaz de gerir e desenvolver, o futuro do município, até mesmo do país. Aulas práticas de como se lidar com a terra seriam introduzidas no ensino primário. Era preciso sob a ótica do *Correio da Lavoura* se combater o analfabetismo, desenvolver as práticas agrícolas e “formar” os indivíduos para que permanecessem no campo. Inúmeros referências escolares foram retirados de países como os Estados Unidos, que se encontravam muito a frente do Brasil em termos de desenvolvimento. Segundo Amália Dias nas:

“formas como o tema da alfabetização e da escola primária foram apropriados nos debates ruralistas, há um empenho em delinear a função da instrução primária para uma educação rural. Não se tratava apenas de educar as populações rurais, de introduzir mais escolas no meio rural, mas de ruralizar o ensino de modo a sustentar o desenvolvimento da agricultura.”⁶⁸

Diante desta pequena trajetória de Silvino Azeredo e análise dos principais objetivos de seu semanário o *Correio da Lavoura*, foi possível obtermos algumas conclusões. A primeira delas é que o curso de vida do Capitão Silvino de Azeredo se deu em torno da educação e do ambiente rural, e isto incidiu na própria concepção do Jornal e nos objetivos do mesmo: a instrução e a lavoura. Secundariamente, é possível traçarmos que o seu veículo de comunicação foi fundamental para a difusão da proposta de valorização da relação homem e campo. Isto se deu pela fusão do projeto do Estado e o grupo político local que objetivava entre outras coisas acentuar a lavoura, vide a produção citricultura estar em seu momento áureo entre as décadas de 1920 e 1940. Por fim, a educação seria o mecanismo solucionador capaz de instrumentalizar e agregar pela técnica ao homem da lavoura. O espaço escolar primário seria o local onde o ensino agrícola começaria. Logo, pode-se concluir que instrução e lavoura foram conceitos articulados por Silvino Azeredo no presente e projetados para um futuro. Segundo Kosselleck⁶⁹, pelo estudo da linguagem de uma época e sua conjuntura é possível compreender a formulação de conceitos e de como os indivíduos os utilizam para a

⁶⁸ DIAS, 2012, p. 71.

⁶⁹ KOSELLECK, Reinhart. História dos conceitos e história social. In: *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/ PUC-RJ, 2006, p. 97-118.

concretização de realizações futuras. No caso de Silvino Azeredo isso ocorre em seu jornal. Os objetivos traçados por ele em seu semanário refletem um projeto de cidade que se pretende ter. A lavoura, a instrução e a moral são conceitos chaves que precisam ser consolidados para que o futuro do município de Nova Iguaçu seja próspero.

Esse projeto de incentivo ao ensino primário público, combate ao analfabetismo, valorização da lavoura e por aqueles que trabalham nela, vai ser enfatizado por mais uma década nas páginas do *Correio da Lavoura*. Ao final de 1940, mais precisamente no período posterior a Segunda Guerra Mundial, a segunda geração do *Correio da Lavoura* vai levar adiante agora como jornalistas de fato, os objetivos defendidos pelo pai e fundador. No momento de crise no grande setor de agroexportador e de declínio da citricultura em Nova Iguaçu, Luiz Martins de Azeredo, filho de Silvino Azeredo, vai destacar a importância do papel da educação pública, da lavoura e higiene, em sua coluna “Luiz Martins escreveu...” (1945-1948).

Na segunda parte deste capítulo será possível traçar um perfil da trajetória de Luiz Azeredo, mas especificamente analisar vinte edições dentre a 169, que abordam a temática da educação em Nova Iguaçu. Nestas vinte edições da coluna será observado o papel socioeconômico e político que a educação desempenhou dentro do município de Nova Iguaçu entre os anos de 1945-1948. Será apontado não somente a educação, mas outros elementos que precisam ser agregados a ela, para que se torne completa⁷⁰. Dentre eles estão o acesso a referências como a cultura e criação de grupos que permitissem que a mesma fosse promovida. Um destes espaços foi a Arcádia Iguaçuana de Letras.

Luiz Martins de Azeredo escreveu...

Como se explanou na primeira parte deste capítulo, o jornal *Correio da Lavoura* mostrou desde a fundação quais eram suas principais bandeiras: Higiene, instrução e a

⁷⁰ No final dos 1940 e início dos 1950, a imprensa vai passar por um processo de modernização técnica e de escrita. As tiragens passam a serem maiores e o estilo do jornal torna-se do tipo norte-americano. Sobre modernização da imprensa ver: BASSO, Eliane Corti. A modernidade na imprensa brasileira. Revista Imes – Sugestão Bibliográfica. Janeiro-Junho. 2004

lavoura. Com base nessa tríade as páginas do semanário foram preenchidas por inúmeros artigos e matérias a respeito. Vários foram os colaboradores do Correio, no entanto o elemento familiar foi essencial para que o projeto de Silvino Azeredo se consolidasse e desse continuidade nos anos que se seguiram. Já no processo de consolidação do periódico a rede familiar se fez presente em torno do jornal. Silvino Filho, um de seus sucessores mais velhos, auxiliou ao pai neste árduo início. Segundo Luiz Martins de Azeredo:

“Silvino Filho, um moço de coragem, pôs mãos á obra auxiliando por um meio oficial de tipógrafo que arranjara em Mendes. Enquanto punham ordem nas oficinas, Silvino Hipólito, fora, quebrava as arestas do indiferentismo, da descrença e má vontade de muitos quanto a possibilidade de sobrevivência de mais um jornal que se propunha manter equidistante de competições político-partidárias, seguindo rigorosamente, como imprensa séria, o lema da honra, da verdade e da justiça. [...] Mas o velho lutador a quase todos ia vencendo com a firmeza e insistência de seus argumentos, comprometendo-se a receber as assinaturas somente depois de vencidas, bem assim as publicações e anúncios após a saída do jornal.”⁷¹

E o jornalista ainda completa:

“Finalmente, preparada tôda a matéria na redação com o velho pai, Silvino Filho, cuidando da composição e depois pedalando a máquina antiquada, serviço moroso e cansativo, que se arrastava pela noite adentro á luz fraca de velas e lamparinas, saíu em 22 de março de 1917 o primeiro número do jornalzinho de quatro páginas, cujo título, “Correio da Lavoura”, uma das preocupações maiores de seu fundador [...]”⁷²

Mesmo após o falecimento do patrono Silvino de Azeredo em 25 de setembro de 1939 em Nova Iguaçu, o jornal se manteve ativo nas mãos de seus filhos. Porém, dois deles se destacam a frente da folha e dos principais cargos de direção do jornal: Avelino Martins de

⁷¹ AZEREDO, Luiz Martins de. Silvino Hypolito de Azeredo. In: FILHO, Rodolpho Quaresma. *Primeira Antologia do Escritor Iguaçuano*. Nova Iguaçu: Proepla, S/d, p. 57.

⁷² *Ibidem*, S/d, p. 58.

Azeredo e Luiz Martins de Azeredo. Os principais ideais da folha promulgados pelo pai podem ser lidos na coluna intitulada a Lápis, de Silvino Silveira, no ano de 1945:

“O CORREIO DA LAVOURA regista, com o presente número, a passagem do seu 28º aniversário de fundação. Representa a efeméride, para nós, a brilhante vitória da diretriz do nosso inolvidável Amigo e Chefe – Silvino de Azeredo – nos sublimes exemplos de probidade e de labor fecundo. Teve sempre por lema, - já o dissemos – servir o próspero município de Nova Iguaçu com a máxima dedicação, desintêresse e sacrifício, sem o desvio convencional do belíssimo programa delineador desde o primeiro número do CORREIO DA LAVOURA, sabendo definir as suas responsabilidades, solução dos altos problemas de ordem moral e material [...]”⁷³

Ao que parece os objetivos fundamentais do semanário foram perpetuados pelos filhos, Avelino e Luiz, nos anos que se seguiram a morte do fundador mesmo diante de dificuldades financeiras e de circulação:

“O CORREIO DA LAVOURA, com abnegação e altruísmo, jamais se afastando da defesa dos altos interesses da coletividade, procurará sempre honrar as tradições gloriosas da imprensa fluminense. Esta folha não obstante as dificuldades que vem enfrentando, oriundas do conflito do Velho Mundo, e mesmo com a sequencia do após-guerra, como um espelho que reflete a vida do Município, conta e contará com inestimável concurso material e moral do laborioso povo iguaçuano. Os órgãos de publicidade, geralmente que se dedicam á agricultura ou a assuntos econômicos, quando não sejam oficiais, deparam-se com enormes impecilhos de ordem financeira, pois, raramente, as assinaturas e anúncios contrabalaçam as despesas do material...Êste, dia a dia, vai em ascensão assombrosa! Apesar da série de sacrifícios, vamos caminhando firmes e resolutos para a terceira década. E’ dever da imprensa (e por que não “direito”?) – apontar os erros e enganos administrativos como, também, orientar do modo mais elevado e patriótico a opinião pública. A Luiz e Avelino de Azeredo, a quantos colaboram com a vida do CORREIO DA LAVOURA, o nosso cordial [palavra não compreendida]”⁷⁴

⁷³ CL, A lápis, Domingo, 25 de março de 1945, p.1.

⁷⁴ Ibidem, 1945, p.1.

Nas palavras do colaborador Silvino Silveira o jornal no pós-guerra se manteve em clara dificuldade econômica assim como todo o município de Nova Iguaçu. Contudo, não perdeu de vista a necessidade de manter o dever da imprensa que é apontar os “erros e enganos administrativos” municipais. Coube a segunda geração do jornal, Avelino e Luiz de Azeredo, este papel de exercer a cobrança.

O primeiro deles, Avelino Martins de Azeredo, foi diretor-gerente do semanário e entre os anos de 1928 e 1938 manteve paralelamente ao *Correio da Lavoura* um jornal tipo folhetim, A Crítica. Nele eram veiculados grande parte da vida social dos principais grupos políticos de Nova Iguaçu. Possuía um aspecto de quase revista, por isso suas matérias abordavam diferentemente da folha fundada por seu pai temas como, festas religiosas e eventos nos espaços sociais da cidade como Country Club Nova Iguaçu e Sport Clube Iguassú.

O outro filho de Silvino Azeredo que trataremos mais especificamente neste capítulo é Luiz Martins de Azeredo. Luiz Martins de Azeredo nasceu na antiga Maxambomba em 17 de outubro de 1911. Filho do fundador do periódico e de Avelina Martins Azeredo, foi redator-secretário do semanário a partir de primeiro de abril de mil novecentos e trinta e sete aos vinte e seis anos. Posteriormente seria diretor-redator a partir de quatorze de janeiro de mil novecentos e quarenta e por fim diretor-secretário em vinte e abril de mil novecentos e quarenta. Luiz ao que nos consta era jornalista-sócio remido da Associação Brasileira da Imprensa (ABI).

Também foi membro fundador da Arcádia Iguaçuana de Letras. Preciso ressaltar aqui que esta “Academia de Letras” foi um importante espaço de sociabilidade e discussões que será ainda devidamente pesquisada e analisada em uma importante documentação deixada pelo jornalista. Luiz Azeredo foi presidente da Arcádia Iguaçuana de Letras em 1959 e tomou posse da cadeira número 5 sob o nome seu pai Silvino Hypólito de Azeredo em sessão solene realizada no dia 17 de junho de 1959. Dentre suas produções literárias citamos aqui a Primeira Antologia do Escritor Iguaçuano e o volume 10 do caderno de Nova Iguaçu, intitulado Padre João: Apóstolo do Bem em Nova Iguaçu. Ambos nas palavras de Silvino Silveira mantiveram o curso do jornal e seus princípios, porém darei enfoque à produção de Luiz Azeredo, especificamente, a coluna “Luiz Martins escreveu...” que durou entre os anos de 1945-1848.

A coluna se inicia em um domingo datado de 23 de setembro de 1945, na edição 1488. O espaço de escrita começa pequeno, no canto superior direito da primeira página. A coluna vai abordar diferentes temáticas sobre o município de Nova Iguaçu durante os anos de 1945 e 1948. Citricultura, transporte, administração pública, habitação, saúde, comércio, eleições, educação dentre outros. Luiz Azeredo em sua coluna apresenta a situação socioeconômica e política do município de Nova Iguaçu nos anos que se seguiram a Segunda Guerra Mundial e apresenta a cidade em momento de decadência, ou seja, a cidade depois da laranja. Dentre seus temas de enfoque esta a revitalização da lavoura e a educação. Porém, antes de abordar o tema instrução é preciso pela perspectiva do autor lançar um olhar sobre o cenário em que o sistema educação iguaçuano se estabelecia. Muitas eram as questões que políticas e econômicas que norteavam os posicionamentos do colunista.

O panorama era: o modelo econômico implantado no início dos anos 30 começava a revelar seus primeiros sintomas de esgotamento no final dos anos 40 e início dos anos 50, provocando, ao mesmo tempo uma série de manifestações políticas que desembocariam finalmente na crise do populismo em 1964. De uma maneira geral diversos fatores podem ser apontados como causadores desta crise, um deles é a Segunda Guerra Mundial sobre os regimes autoritários do Ocidente e o segundo, é a mobilização da sociedade contra o Estado Novo. Além destes aspectos, a onda do liberalismo pós-guerra teve suas consequências “bastante fortes no mundo ocidental, polarizando-se numa tensa campanha contra qualquer tipo de regime político que lembrasse os facismos europeus.”⁷⁵

Sônia Regina de Souza Mendonça defende que este “neoliberalismo” dentro da sociedade brasileira serviu como standarte para a oposição política ao Estado Novo que possuía forças bem distintas. Dentre elas citamos aqui os setores tradicionais ligados a agroexportadores que se encontravam descontentes com as importações e suas taxações, e a classe média dos centros urbanos que se sentiam prejudicados com a política econômica do governo. Tudo isso pode ser percebido na coluna de Luiz Azeredo, e por sua vez constatado na realidade local da cidade de Nova Iguaçu:

⁷⁵ MENDONÇA, Sônia Regina de. Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Graal, 2ª ed., 1987, p.46.

“Agora o problema da laranja volta a ser posta em foco, na imprensa e no seio da Assembléa Constituinte, pelo deputado Getúlio de Moura, que reivindica das altas autoridades do País medidas capazes de restaurar o nosso parque citrícola, hoje na iminência de perecer por causa da crise que perdura há mais de um lustro, sem mercados suficientes nem redução nos fretes, além da chamada “mosca do mediterrâneo” que inutiliza pomares e mais pomares. O constituinte fluminense citado assinalou que o Brasil, ou melhor, os responsáveis por sua administração nestes últimos tempos não souberam defender a citricultura, deixando-a inexplicavelmente á sua sorte, que seria a de desaparecer completamente, tanto mais depressa quanto durasse o fechamento dos mercados externo em virtude da guerra, que felizmente já acabou.”⁷⁶

Esta citação extraída da coluna de Luiz Azeredo apresenta os problemas pelos quais a produção de laranja passava no município de Nova Iguaçu e como o produto é posta em foco na imprensa e na Assembléa Constituinte, pelo deputado Getúlio de Moura do PSD⁷⁷. Isso demonstra bem o cenário político formado pelo neoliberalismo. “A partir daí se iniciou a formação da União Democrática Nacional (UND), que viria a constituir-se um dos grandes partidos políticos brasileiros, juntamente com o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)”⁷⁸

Porém os aspectos explicitados acima também traduzem que esse processo de “redemocratização” contém um caráter de continuação. O governo precisa lidar com esse jogo de forças nas disputas eleitorais e ainda conseguir preservar o “antigo” e o “novo”. Exemplo disto é o fato do deputado citado acima ser do PSD e grande representante do tradicionalismo de grupos locais. Dentre os mecanismos colocados como forma de bem articular isto:

“destacou-se o código eleitoral de 1945, elaborado nos últimos meses do Estado Novo e que presidiu ás “regras” da transição democrática em proveito dos políticos tradicionais. Estabelecendo que a necessidade de bases nacionais era essencial para o registro de um partido, ou ainda que as sobras das eleições partidárias deveriam privilegiar o partido mais votado, o código beneficiava ostensivamente o PSD, que

⁷⁶. CL, Luiz Martins escreveu...Ainda em foco o problema da laranja, 26 de Maio de 1946, p.1.

⁷⁷ Sobre o político Getúlio de Moura ver em: BATISTA, Allofs Daniel. Da laranja ao golpe: Nova Iguaçu e a instabilidade política nos primeiros anos do Regime Civil Militar. Nova Iguaçu, 2011.

⁷⁸ Ibidem, 1987, p.46 e 47.

já contava com a máquina política montada ao longo da ditadura. O continuísmo preponderava sobre ruptura, garantido a supremacia da coligação varguista no Congresso.”⁷⁹

Diante disto podemos perceber que este momento de transição política pós-45 preservou a imagem aplicada durante o Estado Novo e concentrou fortemente o poder no executivo. Entretanto ressalvo aqui que o PSD juntamente com a UDN⁸⁰ formava a grande base política de Nova Iguaçu. Com base na exportação da laranja, Luiz Azeredo continua em edições posteriores a debater o tema. Existia segundo ele a necessidade de incentivo e defesa da lavoura pelos grupos políticos locais e estâncias estaduais e federais.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o município de Nova Iguaçu pode voltar a exportar laranja. De acordo com conversas estabelecidas entre o governo brasileiro e Britânico, fica claro um interesse deste último na compra da laranja brasileira. Porém o município não é capaz de abastecer, visto o abandono dos laranjais. Luiz Azeredo defende que a "Comissão Executiva de Frutas" forneça amparo aos produtores por meio de todos os meios possíveis a restaurem os seus laranjais.⁸¹ Tais medidas fariam com que os laranjais retomassem o nível de produção igual ao período de 1940.

De acordo com Luiz Azeredo era preciso um esforço conjunto de autoridades públicas e privada e da população para que as propriedades, estradas e infraestrutura de uma forma geral da cidade fossem melhoradas e o seu principal produto, a laranja, fosse revitalizado e escoado novamente diminuindo os prejuízos da produção. Ou seja, o jornalista prossegue no caminho iniciado por seu pai, o de valorização da lavoura. Nas palavras do filho, a população estava com um crescimento ampliado e migrando para zona urbana. Era preciso que o homem fosse incentivado e instruído para permanecer no campo. Em uma das edições de sua coluna, Luiz Azeredo coloca que o Ministério da Agricultura estava disposto a transformar a situação do campo e melhorar a vida do lavrador.

⁷⁹ Idem, 1987, p.48.

⁸⁰ O jornalista faz uma tabela com o resultado completo das eleições municipais de 1948. Ele também faz um balanço das eleições de 1945 (presidente e deputados) e as eleições de 1947 (governador e senadores) Em ambos os quadros é possível visualizar partidos e seus representantes.

⁸¹ CL, Luiz Martins escreveu... Novas Perspectivas para a Laranja, 23 de setembro de 1945, p.1

O agrônomo Manoel Carneiro Cavalcante Filho⁸² teria entrado em contato com os lavradores “iguassúanos” para discutir a situação das propriedades rurais. Luiz aponta que seria importantíssima a presença de todos os membros na sede da Associação Rural do município para o debate. No decorrer da coluna o autor expõe que muitos dos lavradores possuíam uma ausência de perspectiva, uma incerteza para o futuro da lavoura. Ao que parece o ministro da agricultura se fez presente na reunião e iniciou a conversa discutindo sobre aspectos técnicos do solo e etc., porém o que se seguiu na conversa foi um pedido simples pelos lavradores:

" [...] basta que se faça cumprir de fato a lei, não permitindo que os criadores, sobretudo os donos de vacas leiteiras, transformem suas propriedades agrícolas e citrícolas em pasto. Se querem viver honestamente, que adquiram campos de pastagem para não prejudicar os que, mais do que eles talvez, lutam pela vida, construindo sua pequena lavoura, formando sua chácara ou laranjal anos a fio"⁸³

Além do problema de formação dos pastos, outros elementos se apresentam no texto do jornalista. Na sua coluna intitulada “Amparo do governo ao homem do campo”, Luiz Azeredo defende:

“Em toda a sua modéstia e simplicidade, dividindo sua atenção com a família numerosa e o pedaço de terra cultivada, o agricultor representa, que em conjunto, quer isoladamente, um valor apreciável na vida do País, contribuindo para a manutenção da saúde dos brasileiros e para o aumento de nossa riqueza. Ele não se coloca à margem da sociedade, dela só usufruindo bens como um peso morto. Pelo contrário, ele não se coloca à margem da sociedade, dela só usufruindo bens como um peso morto. Pelo contrário, ele é um elemento ativo, útil à coletividade pelo fruto que lhe dá do seu labor e, portanto, uma pessoa que merece proteção e amparo do Governo, no sentido de valorizar sua tarefa, entusiasmar-lo no exercício de sua profissão, de proporcionar-lhe os meios para que produza bastante e cada vez melhor com o mínimo de sacrifícios. Assim, ele, que nasceu e se fez homem na zona rural, criando amor à terra por tudo o que ela sempre lhe proporcionou, depois de bem cuidada, não ficaria desiludido, nem perderia o interesse de encaminhar os filhos ao

⁸² Não foi possível identificar se o agrônomo era local ou enviado pelo governo estadual.

⁸³ CL, Luiz Martins escreveu... Assunto puxa assunto, Domingo, 21 de julho de 1946. p.1

campo, que dá saúde e alegria de viver, em vez de mandá-los para as cidades, em busca quase sempre de empregos públicos, ficando as terras abandonadas pelos melhores filhos que poderiam ter.

Ele prossegue apontando a necessidade de valorizar a produção de alimentos, e que para isto o lavrador precisava ser incentivado do ponto de vista econômico e técnico. As consecutivas falhas do Estado em alimentar o país se deu por essa ausência de valor a quem produz o alimento. Luiz Azeredo defende que o Governo do Estado do Rio por meio de uma circular chamada GI33, recomendaria o reforço na produção de cereais e legumes e que se mostrava comprometido em aprimorar:

“aos lavradores maiores facilidades e melhores condições de vida, já tendo expedido instruções especiais com esse propósito às Secretaria de Agricultura e de Educação e Saúde, que prestarão, por intermédio de seus órgãos competentes, máxima assistência aos que labutam no amanho da terra. Entre as coisas que pretende pôr em prática, para o fomento agrícola, o Governo cogita de instalar, em diversos municípios, campos permanentes de demonstração agro-pecuária e de cuidar da preparação educacional e pré-profissional dos filhos dos lavradores, através de uma rede de escolar típicas rurais. Tudo isso é muito bom, capaz de dar os melhores resultados, fornecendo-lhes ainda aos lavradores, gratuitamente, sementes e mudas de diversas espécies e, por empréstimo, em casos especiais, máquinas agrícolas.”⁸⁴

Ainda segundo o jornalista, é preciso cobrar para que essas melhorias tanto físicas quanto educacionais se cumpram. Na citação anterior, fica muito claro a proposta do Governo a nível Estadual em se ter melhorias na produção de gêneros alimentícios, visto a crise que se sucedeu na conjuntura do Pós-guerra em todo mundo. A proposta é de que se enfatize o papel da relação homem e campo, e que se forneçam os subsídios necessários a ele. O que se pode notar é a implantação de um projeto de estímulo aos produtores especialmente na sua formação técnica. Sendo mais enfática, naquele momento mais do que fazer com que o lavrador permaneça no meio rural, era preciso que suas gerações posteriores também o fizessem. Para isto era preciso criar uma rede de ensino rural que cuidasse da formação destas

⁸⁴ CL, Luiz Martins escreveu...Constituição e clima de confiança, Domingo, 01 de setembro de 1946, p.1.

crianças e jovens, e os instruísem e profissionalizassem. Isto ocorrendo se teria uma melhora quantitativa da produção agrícola.

Existe, portanto antigas e novas demandas socioeconômicas e políticas no município. A primeira delas é a econômica. Constata-se um cenário de decadência da citricultura em Nova Iguaçu e em virtude disto um processo de formação de pastagens e diminuição das extensões de cultivo da respectiva cultura. Os grupos de produtores se viam com poucas alternativas, era preciso demonstrar a laranja como uma fonte inesgotável de riqueza. Que seria possível se reerguer baseado na agricultura. Atrelado ao fator anterior esta a saída do país da Segunda Grande Guerra Mundial, em que o setor agroexportador sofreu grandes abalos. Como o colunista conseguiu observar o calculo existente é que de que se tenha destruído quase três milhões laranjeiras.

Depois do conflito mundial ocorreram benesses no campo e o resultado apareceu com a melhoria da exportação de 1942, especialmente entre os anos de 1945 e 1946, quando as exportações atingiram respectivamente 724.416 e 1.205.971 caixas, além de em plena colheita (junho a novembro) já se ter a previsão de 1.500.00 caixas. Porém ele aponta o problema da portaria que proibiu a exportação. Os impostos como o territorial, o de renda e o imposto de produção que seria de 2% dificultaram a produção. O jornalista reproduz que certo produtor com um pomar de 70 mil pés e uma produção para o ano de 1947 de 28 mil caixas, já teria gasto 400 mil cruzeiros para manter a mesma. O valor da caixa é de 8 a 12 cruzeiros e que apenas no valor de 20 cruzeiros o prejuízo seria coberto.

A segunda demanda é política, o Brasil se encontrava em um processo de redemocratização política, que, todavia preservava muitas das características do governo antecessor. Novas eleições municipais estavam voltando acontecer e grupos políticos locais se rearranjando. Novas emancipações como município de Nilópolis, em 1947, fez com que o município perdesse tanto em termos de arrecadação fiscal quanto na centralidade política. A terceira demanda é social visto que a população de Nova Iguaçu segundo Luiz Azeredo Nova Iguaçu em 1943, tinha mais de 140 mil pessoas. O crescimento populacional crescia e os velhos problemas como saneamento, saúde, habitação, abastecimento d'água e ampliação da educação continuavam.

Como já foi dito anteriormente, a educação foi parte essencial deste contexto de construção do projeto de revitalização do campo. O que também deve ser lembrado é o papel desempenhado pelo *Correio da Lavoura* como disseminador da higiene, lavoura e instrução. O ensino é uma das bandeiras de defesa do jornal, já que a educação sempre foi vista como caminho para o progresso do município de Nova Iguaçu. A empreitada pela educação se inicia com o fundador do semanário, Silvino Azeredo e da continuidade com o filho na década de 1940. Porém antes de se debruçar sobre as discussões levantadas por Luiz Azeredo neste período, é preciso resgatar um breve olhar sobre a preocupação do jornal acerca da educação pública municipal em um momento anterior.

Segundo Amália Dias, já nas décadas de 1920 e 1930, o jornal já se mostrava atento a construção de novas escolas pelo poder público. Continuamente se apontou a necessidade de ampliar o acesso a instrução, visto a demanda por novas escolas e matrículas para número crescente da população. Foi recorrente, nas palavras da autora, o número de matérias no jornal discutindo a precisão de se implantar uma escola-modelo. Essa escola deveria estar atrelada a atividade agrícola. Um dos contínuos empecilhos segundo Dias, foi o custo para o Estado na construção de escolas. Em virtude disto o *Correio da Lavoura* se mostrou como agente cobrador de melhorias e ampliação do ensino. Logo o jornal a acreditava que para Nova Iguaçu ser percebida como cidade do progresso, a instrução era o um dos principais instrumentos para isto. Ainda segundo Amália a instrução sempre foi ponto de pauta da política governamental.

“Sob a ótica das relações entre escolarização e “progresso” da Nova Iguaçu, compreende-se também porque a instrução municipal ocupava posição relevante na plataforma de ações políticas públicas da administração municipal. Inscritas nas demandas da imprensa, de associações da sociedade civil, a oferta da instrução escolar também figurava como competência das agências de governo para o desenvolvimento local.”⁸⁵

⁸⁵ Idem, 2012, p. 266.

Neste sentido prosseguiram as exigências em prol do ensino primário no jornal. A infância precisava ser assistida, sem a educação necessária este seria o grupo mais impactado. A campanha de pelo grupo escolar não esmoreceu. Os resultados não vieram de imediato, porém em 1930, Amália Dias assinala a criação do Grupo Escolar Rangel Pestana que passou de ali em diante ser acompanhado pelo *Correio da Lavoura*. Ainda segundo a autora entre os anos de 1928 e 1933 as ações do município de Nova Iguaçu pela educação foram constantes. Contudo esse ritmo de criação de novas escolas foi interrompido com a chegada do Estado Novo.

“Não podendo assumir imediatamente as cerca de 800 escolas municipais, o governo fluminense celebrou um convenio com as municipalidades, em julho de 1943, que passou a vigorar em 1944 e pretendia, gradativamente, restringir as iniciativas dos municípios e passar ao estado a administração do ensino.”⁸⁶

É neste contexto de cobrança por melhorias no município de Nova Iguaçu, que Luiz Martins de Azeredo igualmente enfatizou o papel da educação e a melhorias necessárias na mesma. Em vinte edições de sua coluna entre os anos de 1945 e 1948, o jornalista enumera muitos dos problemas presentes na educação iguaçuana e a necessidade de integrar ações e espaços pela instrução. Entre os anos de 1940 e 1947 a educação municipal passou por dificuldades:

“Segundo Jayme Abreu com o Convênio estadual do Ensino Primário, de 1943, houve desmantelamento dos órgãos municipais de educação, embora o estado não tenha conseguido levar a cabo sua ação centralizadora de prover o ensino primário. Essa situação começou a ser modificada com a constituição estadual de 1947, quando os municípios retomaram ações na educação.”⁸⁷

Em coluna data de 03 de março de 1946, Luiz Azeredo vai afirmar como a educação pública primária precisa de atenção:

⁸⁶ Idem, Dias, p.269

⁸⁷ Dias, Opcit , ABREU, p. 270.

“Como se nos afigura que o ensino primário deve ser função exclusiva das Municipalidades, cabe-nos focalizar o problema local, apelando para que os homens, que assumiram a responsabilidades de nos dirigir, estudem os meios mais fáceis de nos dirigir, estudem os meios mais fáceis de difundir a instrução primária, organizando um plano inteligente para dar escolar a todos os jovens iguassuanos e evitar, assim que fiquem nas trevas do analfabetismo.”⁸⁸

Luiz Azeredo coloca a necessidade de pensar a educação como um problema social. Como já foi dito anteriormente Nova Iguaçu passava por um importante momento de transição a nível municipal e estadual. A instrução foi reflexo destas mudanças de centralidade para o governo estadual. Entretanto foram modificações que resultaram muito pouco positivamente:

“Temos aqui colaborado na educação do povo, o Estado, o Município e os particulares, que não estão organizados de maneira a poder aceitar todos os pedidos de matrículas. O último governo, que foi colocado por seus desmandos á margem da vida brasileira, determinara, no firme propósito de centralizar todos os serviços públicos, que os Estados assinassem um Convenio com as Prefeituras, tirando-lhes a faculdade de fundarem escolas, que só a eles caberia fazê-lo.”⁸⁹

Segundo o colunista o Estado teve pouca organização no sistema escolar iguaçuano nos anos de 1940. Quase todas as escolas, inclusive o Grupo Escolar Rangel Pestana funcionava em um prédio adaptado, com condições mínimas de aula. Nas suas palavras as escolas municipais e estaduais ao final do ano letivo teriam pouco a mostrar. Urgira então a necessidade de se reestabelecer ao poder municipal a condição de se criar novas escolas e de manter as já existentes, visto que o município seria aquele capaz de apontar as demandas educacionais. Segundo ele o convenio precisaria ser desfeito e o município ter as mãos desembaraçadas para atuar. Assim seria dada a luz aqueles que se encontravam na ignorância do saber. Pode-se notar um compromisso do jornal de continuar a cobrar melhorias na instrução, visto que a mesma seria parte fundamental para o desenvolvimento do município.

⁸⁸ CL, Luiz Martins escreveu..., Caminhem de cabeça erguida, livremente, Domingo, 03 de março de 1946, p.1.

⁸⁹ Ibidem, 1946, p.1

Outra fala importante do jornalista é campanha em prol do ensino primário pelo ministério da educação:

“Ernesto de Sousa Campos, em entrevista concedida aos jornais cariocas, quando declarando não constituir segredo para ninguém a grande deficiência da rede escolar brasileira, pôde apresentar, em linhas gerais um plano de trabalho que acredita corresponder á realidade da instrução primária, a única que se dá gratuitamente, a qual está a exigir do Governo Federal, para sanar as faltas da rede escolar e melhorar as condições do ensino, uma assistência técnico-financeira por largo tempo ás unidades federativas. O ministro Sousa Campos , [...] disse que agora o Ministério vai pôr em execução o Convênio Nacional de Ensino Primário, assinado em 1942 entre os Estados e a União, previstos os necessários recurso, dos quais aplicará 70% na construção de escolas, 25% na educação primária de adolescentes e adultos analfabetos e 5% em bolsas de estudo.”⁹⁰

Ainda nas palavras do ministro o essencial seria a construção de escolas simples tipo pau a pique, especialmente nas zonas rurais. Porém o jornalista é enfático ao dizer que não basta receber cinco milhões de crianças em escolas, outros fatores devem ser levados em consideração. Escolas Rurais, professores especializados e formação para os que já se encontram em sala de aula eram elementos essenciais. Alojamento para esses “formadores dos caracteres da criança brasileira”, junto às escolas, também seria parte importante. O colunista enfatiza que pensar educação é também dar amparo a saúde na infância. Se a criança não fosse vista como um foco importante, o país apenas perderia possibilidade de crescer no futuro:

“Os Centros de saúde prestam, já, relevantes serviços á mulher no período da gestação e á criança nos seus primeiros meses de vida, mas num setor que se limita quase ás sedes dos municípios. São imprescindíveis que esses serviços se entendam ás vilas, onde falta tudo á criança, desde a alimentação própria e sadia até á criança, desde a alimentação própria e sadia até a higiene, e que, a par dos cuidados com que os médicos vêm acompanhando a gestante e também o desenvolvimento do petiz,

⁹⁰CL, Luiz Martins escreveu..., Campanha em prol do ensino primário, Domingo, 07 de abril de 1946, p.1.

outros serviços sejam criados, com o necessário pessoal técnico, para assistir os pobrezinhos doentes, que são em grande número.”⁹¹

Com base nesta citação, o colunista defende a necessidade de se aliar saúde e infância. Não bastava se pensar no número de faltas dos matriculados ou naqueles que nunca foram matriculados, mas as razões que levavam a baixa frequência escolar. Segundo Luiz Azeredo não basta instruir é preciso dar condições para que a infância do interior progrida. Era necessário um aumento da qualidade de vida destas crianças para que elas ganhassem expectativa de vida. Ele cita o exemplo de uma escola rural em Nova Iguaçu que apresentava a necessidade de intervenções para sua melhoria:

“Neste município, como de resto em outros do Estado do Rio, foi construída uma Escola Típica Rural, mas ainda não atingiu completamente o seu objetivo de instruir e preparar as crianças para a vida salutar do campo. Quando a visitamos, não faz muito tempo, tinha ela todo o material exigido para sua instalação, mas faltavam água canalizada, luz, auxílio financeiro suficiente á escola, assistência á professora e ás crianças, já em número bem reduzido para a sua capacidade, pois iam todas desaparecendo á medida que seu trabalho aumentava no campo, tornando-se mais uma obrigação, demasiado pesada, do que um meio suave e atraente de aprendizagem.”⁹²

Nesta citação, pode-se concluir que para o funcionamento das escolas é preciso muito mais do que a estrutura física, é necessário “trabalhos complementares” para que professores e alunos possam ocupar as salas de aula. Outro aspecto que se sobressai é a continuidade de incentivo ao ensino agrícola. Contudo, o projeto não conseguiu se desenvolver em plenitude visto a falta de investimentos do governo na educação. Por isso Luiz Azeredo reafirma a necessidade da educação municipal ficar em poder da prefeitura, pois somente as autoridades municipais sabiam as verdadeiras necessidades do município. Isto só reforça o embate político existente entre o poder local e estadual pela instrução. Têm-se demandas municipais, todavia o Estado não consegue atende-las. Existe um desestímulo, pela instrução. “A centralização do ensino, feito pelo Estado no regim estadonovista, só conseguiu fazê-lo mais precário e tirar o

⁹¹CL, Luiz Martins escreveu..., Amparando hoje a criança construiremos o futuro do Brasil, Domingo, 16 de junho de 1946, p.1.

⁹² Ibidem, 1946, p.1.

pouco que havia de boa vontade e gosto em alguns prefeitos de realizarem algo de aproveitável na parte da educação.”⁹³

Outro aspecto a ser considerado na coluna de Luiz Azeredo é seu enfoque a formação do professor e condições salariais. Em sua coluna datada de 12 de janeiro de 1947, Luiz Azeredo discute um aumento fornecido apenas aos professores estaduais, excluindo os municipais. Segundo dados do jornalista, um professor adjunto começava sua carreira no magistério municipal de Nova Iguaçu recebendo 300 cruzeiros e ao final de sua carreira recebia não mais que 550 cruzeiros. Era preciso em suas palavras rever o ordenado dos professores municipais, para que eles possam cumprir este projeto nacional pela educação primária rural e de alfabetização dos quase 55% da população adulta, segundo o censo de 1940. ⁹⁴ Nota-se um claro objetivo de difusão da instrução no final dos anos 40. O governo promove campanhas e projetos que consolidem a educação no país, especialmente no interior desde a década de 1920. Porém com a chegada do Estado-Novo parte deste movimento pela instrução sofreu com a centralidade da educação municipal nas mãos do Estado, o que antes não ocorreria. O município de Nova Iguaçu sempre se mostrou politicamente ativo no campo da instrução. O *Correio da Lavoura* por sua vez foi o principal difusor dessa campanha permanente da instrução como promotora do progresso do município e do país de modo geral.

Entretanto, a segunda geração do semanário ao difundir a instrução como elemento para formação do município, também fez outras cobranças mais incisivas junto ao poder público. Tais exigências se fazem na escrita sobre projetos iniciados como as escolas rurais, que não mantiveram o apoio econômico e político para manter professores e alunos em sala. Questões como a infraestrutura, honorário dos professores e situação social dos alunos fizeram parte deste discurso. Uma exemplificação dada por Luiz Azeredo é o grupo Escolar Rangel Pestana que foi criado na década de 30, mas se manteve em um prédio provisório e de condições estruturais ruins.

Luiz Azeredo também defende outros elementos em seus textos: o estreitamento da relação família e instrução e acesso a cultura. A primeira afirmativa pode ser averiguada na citação que se segue:

⁹³ Idem, 1946, p.1.

⁹⁴ CL, Luiz Martins escreveu..., Uma campanha de salvação nacional, Domingo, 26 de janeiro 1947, p.1

“Por isso, consideramos úteis, ideais as Associações de Pais e Professores, quando bem organizadas e aptas, assim para obter o fim desejado. Inúmeros são os problemas que surgem a respeito da educação da criança, na escola e no lar. E só os pais e professores, em perfeita colaboração, é que poderão resolvê-los satisfatoriamente, em benefício deles próprios e dos escolares, sobretudo na divisão de autoridade entre aqueles sobre os educandos. Portanto, é toda conveniência estabelecer-se completa harmonia entre o lar e a escola por intermédio dessas associações, cujo objetivo primordial é o bem-estar da criança, através de uma orientação conjunta, sem sectarismo de espécie alguma.”⁹⁵

Segundo Luiz Azeredo a organização é essencial para a produtividade, progresso, riqueza e civilidade. Para ele a associação de pais é um exemplo desta organicidade que asseguraria alcançar um mesmo fim, neste caso as melhorias da instrução. Na perspectiva do colonista a educação é um dos principais problemas da cidade e merecia maior atenção. As associações ou círculos de Pais e Professores proporcionariam tanto benefícios para a instrução quanto para os pais, que passariam por sua vez a participar mais ativamente da educação dos filhos. Segundo ao autor o aumento das escolas privadas no município de Nova Iguaçu se deu pela ausência dos pais na escola, falta de participação e cobrança junto às autoridades. Luiz Azeredo mais do que um jornalista defensor dos ideais do pai, se colocou no papel de intelectual capaz de promover e incentivar ações de mudanças dentro da sociedade Iguaçuana. De acordo com Jean-François Sirinelli o meio intelectual constitui, ao menos, para o seu núcleo central, um “pequeno mundo estreito”, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista, jornal ou editora. Estas estruturas são chamadas de redes de sociabilidade⁹⁶. Estas variam, por sua vez, de acordo com a época e com o grupo que estes intelectuais compõem.

Neste contexto do final dos 1940 e início dos anos 1950, as associações se tornam um espaço importante para disseminação de ideias como a instrução. Segundo Jean Pierre Rioux as associações voluntárias representam entre outras coisas um referencial para uma história de mudança social. Ou seja, o autor defende que as associações são baseadas em um frágil vínculo que pode ser feito ou desfeito de acordo com as circunstâncias. A associação

⁹⁵ CL, Luiz Martins escreveu..., Domingo, 07 de outubro de 1945, p.1.

⁹⁶ Para pensar o conceito de redes de sociabilidade ver: SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.231-269.

representa, sobretudo, uma relação entre aqueles indivíduos já estabelecidos dentro de um determinado grupo ou de sujeitos que estão buscando se consolidar socialmente. Estas associações podem ser herdadas ou formadas por uma questão nova do meio em que ela esteja inserida. Tensões, concepções singulares e coletivas de um determinado grupo, incentivam a criação destas associações. Como diz Rioux, “Ela desempenha seu pleno papel há dois séculos em todos os processos de socialização e de laicização, nessa passagem para o contemporâneo em que se reconstituam mal ou bem comunidades mortas e se forjam novas ambições.”⁹⁷ Deste modo, podemos crer que as associações são também capazes de mobilizar ideias que geram intensos debates, bem como o confronto de todas as formas de poder em seus diferentes níveis. Somente a associação é capaz de demonstrar, aliás, de ensinar como ocorre a lógica das instituições. O jornalista ao se enquadrar no papel de intelectual e conhecedor das necessidades culturais e dos bons valores iguaçuanos, passa a ser um grande incentivador da criação de espaços associativos que promova a instrução da população. Espaços que gerem essa mudança na sociedade iguaçuana. Esta modificação social esta atrelada a promoção de acesso ao teatro, a literatura e demais formas de cultura. Na menção abaixo ele enfatiza a importância do aspecto cultural:

“Feliz ideia – Tomando iniciativa que caberia a grêmios literários ou centros de expansão cultural, se aqui os tivéssemos, um grupo de pessoas de responsabilidade em nosso meio social quer promover, com a colaboração de ilustres patrícios, uma série de conferencias em nossa cidade. Os assuntos mais variados e palpitantes da época, políticos, administrativo, econômicos, sociais, literários, religiosos, científicos etc., seriam aqui ventilados por figuras de projeção no cenário nacional, com real proveito para os estudiosos iguaçuanos. Teríamos, assim, a repetição do êxito incomum que constituíram aqui, não há muito tempo, em memorável Semana da Pátria [...] Feliz ideia, pois, a das conferencias periódicas! Que ela logo se concretize e dê os bons frutos que se esperam, formando-se daí, talvez, uma sociedade de pessoas interessadas pela cultura e grandeza de Nova Iguassú.”⁹⁸

Luiz Azeredo defende que a instrução deve estar associada ao acesso a livros e a cultura. O colunista discute que Nova Iguaçu em 1947 possui quase 82 mil habitantes e nenhuma biblioteca municipal. É preciso que se tenha acesso a leitura. Para que o município

⁹⁷ Idem, 2003.p. 129.

⁹⁸ CL, Luiz Martins escreveu...Domingo, 22 de fevereiro de 1948, p.1.

progrida, é fundamental que se eleve o nível cultural e político da juventude. Essa ausência de acesso ao livro sempre foi debatido pelo jornal, principalmente pelo fato do Instituto Nacional do Livro ter promulgado em 1946 o incentivo a criação de bibliotecas por todo território:

“Por falar em civismo, em educação da mocidade...Hoje em dia só as pessoas privilegiadas podem ler e estudar. Livros não há suficientes para a elevação do grau de cultura do povo, e os poucos que aparecem, em edições assim mesmo mal cuidadas, custam os olhos da cara. No interior, então, é dolorosa a situação dos moços que estudam, ansiosos de progredirem na vida. Não dispõem de bibliotecas públicas onde pudessem consultar os livros exigidos na escola. [...] Vejam Nova Iguassú, sede de grande e futuroso município do Estado do Rio, com sua numerosa população escolar, dividida por diversas escolas públicas e particulares. Ainda não tem biblioteca, uma biblioteca didática pelo menos, que fosse mais diretamente útil a mocidade estudiosa. Isso não é por falta de quem bata sempre na tecla de sua necessidade imediata, pois temos gasto energias nesse trabalho constante, sobretudo depois que o Instituto Nacional do Livro principiou a estimular a criação de bibliotecas por todo o nosso território, prometendo oferecer-lhes inicialmente dezenas de livros sobre vários assuntos.”⁹⁹

O jornalista ao final da edição citada, conclui que o Correio da Lavoura desempenha um papel relevante junto a educação do município. Mostra todo seu orgulho com a aceitação da folha pelos leitores e argumenta que mesmo diante de dificuldades o trabalho do jornal não foi em vão. Ao contrario:

“Tudo está demonstrando, para valorizar aquilo que divulgamos, que eles só acreditam o que veem publicado no jornal da terra. O mais é falso ou não tem o necessário merecimento. Além disso, confortamos sobremodo as palavras de aplauso e de estímulo que nos chegam de toda parte enviadas por pessoas e organizações as mais

⁹⁹ CL, Luiz Martins escreveu...Coisas que se evidenciam, Domingo, 20 de outubro de 1946, p. 1

conceituadas, sempre dispostas a prestigiar as iniciativas em prol da coletividade.”¹⁰⁰

Ou seja, o jornal naquela conjuntura incentivava em Nova Iguaçu a promoção da instrução associada a cultura. Ao final dos anos 1940 e início dos anos 1950, a imprensa brasileira passava por um momento de forte transição no seu modo de “fazer” jornal no país. Diante disto, espaços como suplementos literários e colunas passam a ser criados nesta conjuntura de reformulação dos periódicos¹⁰¹. Alzira Abreu entende que “estes campos se tornam importantes espaços de sociabilidade dos intelectuais e de estruturação do meio intelectual”¹⁰². Ainda segundo Abreu a atuação nestes suplementos e matérias serviu como mecanismo de promoção social e legitimação do intelectual, promovendo até mesmo acesso a cargos públicos e à política. Estes espaços como os suplementos ou artigos também receberam aqueles que não tinham a legitimação universitária. Por outro lado, estes mesmos suplementos acolheram intelectuais que participavam de instituições construtoras de projetos artísticos e ideológicos. Diante deste contexto Luiz Azeredo também aponta a necessidade de se ter um grupo literário ou grupos de expansão literária.

Não por acaso entre 1955 e 1970, se estabeleceu a Arcádia Iguassuana de Letras na qual congregou homens das letras, ciências e artes.¹⁰³ Em um esforço comum este grupo procurou completar a “fisionomia do estado do Rio de Janeiro” através de seus estudos e pesquisas sobre o município de Nova Iguaçu. Tendo como referência a Academia Brasileira de Letras (ABL), a Arcádia representou um espaço de troca de ideias que primava pela valorização das manifestações “culturais brasileiras” e comemoração de datas históricas como forma de preservar valores nacionais e patrióticos. Também incentivava a pureza e correção da língua nacional, por meio da imprensa e dos livros.¹⁰⁴ E, finalmente, objetivava difundir

¹⁰⁰ Ibidem, 1946, p. 1.

¹⁰¹ Alguns dos periódicos analisados por ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos Literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira Alves de (org). A Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.13-58, foram: *o Jornal do Commercio, A Manhã, Diário de Notícias, O jornal, O Estado de Minas, Diário Carioca, Correio da Manhã, O Estado de São Paulo, Jornal do Brasil, Folha da Manhã e O Globo*.

¹⁰² Idem, 1996, p. 23.

¹⁰³ CL, Domingo, 22 de janeiro de 1956, p 1. Na matéria sobre a fundação do cenáculo literário se encontram importantes dados da solenidade, como o nome dos presentes, seus cargos e ofícios além da fotografia onde identificamos seus membros e suas respectivas cadeiras.

¹⁰⁴ Além dos livros publicados por seus membros, os arcadianos utilizavam colunas no jornal *Correio da Lavoura* para defender este objetivo.

valores como a dignidade e o trabalho, vistos como fundamentais para a construção de uma nação.¹⁰⁵

A AIL incentivava produções teatrais¹⁰⁶, mostras artísticas, danças populares,¹⁰⁷ encontros em sarais, conferências e cursos que enalteciam e preservavam o que era “originalmente” nacional. Este movimento de valorização de marcos históricos e manifestações culturais seria um artifício para manter viva a memória de um passado revestido de patriotismo e tradição. Mas para que tudo isto pudesse ocorrer era necessário escolher, para membros-sócios da Arcádia, indivíduos que compreendessem, no seu sentido mais profundo, as demandas literárias, socioeconômicas e políticas do município. Educadores, jornalistas, escritores, advogados e agentes políticos, que compuseram este cenário inicial, foram selecionados fielmente a partir de alguns critérios, sendo um deles a sociabilidade. Tudo isto fica exposto nas escolhas dos ocupantes das cadeiras a partir da fundação da Arcádia, visto suas respectivas profissões e níveis de atuação dentro da sociedade local.

Os fundadores eleitos deveriam ser iguaçuanos de nascimento ou ter residência na cidade por pelo menos cinco anos.¹⁰⁸ Luiz Martins de Azeredo¹⁰⁹ foi o principal nome entre os arcadianos. Filho de Silvino Hypólito de Azeredo, fundador do periódico iguaçuano *Correio da Lavoura* (fundado em 1917), foi redator-secretário, diretor-redator e, finalmente, diretor-secretário.¹¹⁰ O jornalista tomou posse da cadeira¹¹¹ número 5, cujo patrono era seu

¹⁰⁵ Estatuto da Arcádia Iguassuana de Letras (doravante AIL). Capítulo 1: Da organização, Sedes e Fins. Artigo 1º, Sublinha A, G e M, p.1.

¹⁰⁶ Algumas destas peças teatrais foram registradas em fotos. Este material iconográfico está totalmente digitalizado e encontra-se acessível no Centro de Memória de Nova Iguaçu. Além das fotografias, temos listagens com os nomes de algumas destas companhias teatrais e seus componentes. Será possível identificarmos além de tudo uma parte desta produção teatral e suas relações com a Arcádia.

¹⁰⁷ Estatuto da (AIL). Capítulo 1: Da organização, Sedes e Fins. Artigo 1º, Sublinha M, p.2.

¹⁰⁸ Os fundadores da Arcádia foram Alcino Raphael, Althair Pimenta e Moraes, Cial Brito, Deoclécio Dias Machado Filho, Francisco Manoel Brandão, Humberto Gentil Baroni, João Barbosa Ribeiro, José Jambo da Costa, Luiz Martins de Azeredo, Newton Gonçalves de Barros, Raul Figueiredo Meirelles, Ruy Afrânio Peixoto, Waldemiro de Faria Pereira, Enéas Marzano, Luciano Muniz Freire Pinto, João Barbosa de Almeida Ribeiro, José Froés Machado e Mário Guimarães.

¹⁰⁹ Luiz Martins de Azeredo possui relevante produção de matérias jornalísticas sobre Nova Iguaçu. No *Correio da Lavoura*, produziu duas colunas importantes entre os anos de 1945 e 1948. A primeira se chama “Luiz Martins escreveu”, nesta o arcade discute diferentes questões sobre o município. A segunda coluna se chamou “Cheguei, Ouvi e Anotei”. Nela o autor descreve os debates na câmara de vereadores. As colunas já se encontram catalogadas e comentadas.

¹¹⁰ AZEREDO, Luiz Martins de. Silvino Hypólito de Azeredo. In: FILHO, Rodolpho Quaresma. *Primeira Antologia do Escritor Iguaçuano*. Nova Iguaçu: Proepla, S/d, p.55.

¹¹¹ Os patronos que compunham as vinte cadeiras da Arcádia eram: Antônio Avelino de Andrade, Bernardino José de Sousa e Melo Júnior, Conrado Jacob de Niemeyer Neto, Elói Dias Texeira, Ernesto França Soares; Francisco de Lemos de Faria Azeredo Coutinho (D.), Francisco de Santa Teresa de Jesús Sampaio, Francisco José Soares Filho (Cel.), Francisco Luiz Soares de Sousa e Melo, Francisco Rangel Pestana, João Manoel Pereira

pai, em 17 de junho de 1959. Presidiu a Arcádia entre 1959 e 1962. Logo, o jornal nas mãos de Luiz Azeredo passa não somente a pensar a instrução, a higiene e lavoura como o trio ideal já tão defendida pelo seu fundador o capitão Silvino Azeredo. Era preciso pensar a instrução vinculada a literatura, ao teatro e acesso a cultura de um modo geral. A Arcádia Iguaçuna de Letras reflete em parte a promoção destes ambientes de cultura e tradição. Ou seja, “espaços como a Arcádia se sentiam revestidos da missão histórica de transformar e modernizar uma sociedade”¹¹² em um determinado estrato social, e conseguiam nas páginas dos jornais um lugar para divulgar suas ideias e escritos. Muitos destes suplementos, crônicas e poesias eram repletos de temas de caráter histórico e regional.

da Silva; João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, Joaquim Elói dos Santos Andrade, José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Manoel Felizardo de Sousa e Melo, Manoel Inácio de Andrade Souto Maior Pinto Coelho (Marquês de Itanhaem), Manoel Reis, Silvino Hipólito de Azeredo e Venâncio José de Oliveira Lisboa.

¹¹² Idem, 1988, p. 28.

Conclusão

Nova Iguaçu viveu entre as décadas de 1920 e 1940 um período socioeconômico importante com a citricultura. No momento auge da produção, o município conviveu com um projeto ruralista. Um grupo de intelectuais, dentre eles Silvino Azeredo, projetou o desenvolvimento da cidade através da relação homem e mundo rural. Para isto era necessário se pensar melhorias técnicas e sanitárias a fim de que a lavoura se desenvolvesse. Associado a isto estaria o ensino agrícola e a criação de espaços associativos que dessem subsídios ao lavrador. O *Correio da Lavoura* por sua vez, desempenhou um papel fundamental como difusor das novas formas de manejo do campo.

Em um segundo momento, outro grupo de intelectos, dentre eles Luiz Azeredo, ponderaram o município a partir da educação e da cultura. Diante disto podemos afirmar que associações como a Arcádia foram importantes espaços para o entendimento de parte das transformações ocorridas no em Nova Iguaçu. A criação de um espaço de letrados seria uma possibilidade na qual o novo contexto seria enquadrado, as bases “tradicionalistas” da moral e dos valores preservados e, ainda, os representantes políticos e econômicos prestigiados.

Deste modo é possível dizer que o município de Nova Iguaçu reuniu ao longo de cinco décadas grupos de “intelectuais” que se propuseram discutir e executar ações que desenvolvessem a cidade. Todavia, mais que promover a coletividade, estes indivíduos desejavam se evidenciar como os únicos capazes de entender e solucionar as reais necessidades do coletivo. Ou seja, se colocarem na posição de vanguarda e de promoção nas suas respectivas áreas de atuação.

No caso de Luiz Azeredo, o mesmo se propôs a elaborar não somente ideias, mas consolida-las por meio de uma associação. Neste espaço associativo foram reunidas figuras expoentes que contribuíram especialmente em aspectos educacionais e culturais, No entanto, a associação também reuniu componentes que não estavam ligados diretamente a educação. Mas por estarem vinculados a outros setores políticos, poderiam encaminhar demandas e ainda se destacaram no meio social.

Referencias Bibliográficas

- ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos Literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira Alves de (org). *A Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. [3ª ed.] Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica. História da Imprensa Brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X 2007.
- BASSO, Eliane Corti. A modernidade na imprensa brasileira. *Revista Imes – Sugestão Bibliográfica*. Janeiro-Junho. 2004
- BATISTA, Allofs Daniel. *Da laranja ao golpe: Nova Iguaçu e a instabilidade política nos primeiros anos do Regime Civil Militar*. Nova Iguaçu, UFRRJ, Monografia em História (TCC), 2011.
- COSTA, Carlos Eduardo Coutinho da. *Campesinato negro no Pós-Abolição: migração, estabilização e os registros civis de nascimentos. Vale do Paraíba e Nova Iguaçu (1888-1940)*. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- DIAS, Amália. *Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)*. Rio de Janeiro, UFF, Tese de Doutorado, 2012.
- FONTES, Paulo. Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrante em São Paulo Miguel Paulista (1945-1966). Rio de Janeiro: FGV, 2008.
- KOSELLECK, Reinhart. História dos conceitos e história social. In: *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/ PUC-RJ, 2006, p. 97-118.

- MARQUES, Alexandre dos Santos. Baixada Fluminense. Baixada Fluminense: da conceituação às problemáticas sociais contemporâneas. *Revista pilares da história – Duque de Caxias e Baixada Fluminense*. Ano 4- número 6 abril /2006, p. 7-14.
- MENDONÇA, Sonia Regina de. *Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Graal, 2ª ed., 1987. (parte II)
- MENDONÇA, Sonia Regina de. *O ruralismo brasileiro (1888-1931)*. São Paulo: Hucietc, 1997,
- NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *Caminhos de Negros: Vida, Trabalho e Desenvolvimento Urbano. (Nova Iguaçu, 1880-1940)*. FAPERJ. Rio de Janeiro, 2009. (obs referencia)
- PEREIRA, Waldick. *Cana, Café e Laranja: História econômica de Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: FGV/SEEC, 1977.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. nº 31, 2003, p. 147-160.
- RODRIGUES, Adrianno Oliveira. *De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833 – 90's): Economia e Território em Processo*. Rio de Janeiro, UFRJ-IPPUR, Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional, 2006.
- SILVA, Heber Ricardo. Imprensa e Campo político: Concepções de Democracia dos jornais liberais brasileiros durante a transição democrática (1945-1948). *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, nº 30, 2008.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. [1ª Ed. 1966] Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SOUZA, Sonali Maria de. *Da laranja ao lote: transformações sociais em Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, PPGAS. Dissertação de Mestrado, 1992.

VICENTE, Edson Borges. Nova Iguaçu, *Cidade Mãe do nascimento de Iguassú a gestão de Iguaçu Nova em uma abordagem geográfica*. Disponível no site: <http://www.geoeducador.xpg.com.br/textos/artigoedson.pdf>, em 20/07/2009.

Fontes:

UFRRJ – Memórias da Baixada Fluminense

a) *Jornal Correio da Lavoura*. (Digitalizado)

Arquivo Particular Luis Martins de Azeredo

Entrevistas:

DELVIRA MARQUES VICENTE; Entrevista Projeto FAPERJ – Memórias da Baixada Fluminense: vida, trabalho e desenvolvimento urbano em testemunhos de anciões 1950-2000. História de Vida; realizada em 25 de setembro de 2009.

EDVALDO VITOR DOS SANTOS; Entrevista Projeto FAPERJ – Memórias da Baixada Fluminense: vida, trabalho e desenvolvimento urbano em testemunhos de anciões 1950-2000. História de Vida; realizada em 17 de maio de 2010.

ROBSON BELÉM AZEREDO; Entrevista Projeto FAPERJ – Memórias da Baixada Fluminense: vida, trabalho e desenvolvimento urbano em testemunhos de anciões 1950-2000. História de Vida; realizada em -

SEVERINO JOÃO ALEXANDRE; Projeto FAPERJ – Memórias da Baixada Fluminense: vida, trabalho e desenvolvimento urbano em testemunhos de anciões 1950-2000. História de Vida; realizada em 12 de junho de 2010.